

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES – CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

ANTONIA IRANILDE DE SOUSA

PROJETO/RELATÓRIO FINAL DE PRODUTO

Espaço Ambiental:
A divulgação do Meio Ambiente na webrádio Porto do Capim

João Pessoa – PB

2016

Antonia Iranilde de Sousa

**Espaço Ambiental:
A divulgação do Meio Ambiente na webrádio Porto do Capim**

Relatório Final de Pesquisa
apresentado à Banca Examinadora do
Programa de Pós-Graduação em
Jornalismo da Universidade Federal
da Paraíba como requisito ao título de
Mestre em Jornalismo Profissional.

Orientadora: Profa. Dra. Glória Rabay

João Pessoa – PB

2016

S725e Sousa, Antonia Iranilde de.

Espaço ambiental: a divulgação do meio ambiente na
webrádio porto do capim / Antonia Iranilde de Sousa.-
João Pessoa, 2016.

86 f. : il.-

Orientadora: Profª. Drª. Glória Rabay.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCTA

1. Jornalismo. 2. Jornalismo Ambiental. 3. Sustentabilidade.
4. Lixo. 5. Radiojornalismo. 6. Educomunicação. 7. Webjornalismo.
8. Cidadania. I. Título.

UFPB/BC

CDU – 070(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

ATA DE BANCA EXAMINADORA DE DEFESA

Aos 31 dias do mês de agosto de dois mil e dezesseis, às 15h horas, foi realizado, na sala do Programa de Pós em Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba, a Banca Examinadora de Defesa do (a) discente ANTÔNIA IRANILDE DE SOUSA, matrícula _____, para obtenção do Título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

Título :

Espaço Ambiental na Web Rádio PORTO DO CAPIM: RÁDIO JORNALISMO Ambiental como prática para conscientização e cultura da sustentabilidade.

AVALIAÇÃO

☒ Aprovado () Reprovado () Indeterminado

As observações sobre o referido trabalho acadêmico encontram-se no verso desta Ata.

BANCA EXAMINADORA :

Glória de Lourdes Rabay
Prof.^a Dr.^a – GLÓRIA DE LOURDES RABAY – Orientador (PPJ/UFPB)

JOANA B SOUSA
Prof.^a Dr.^a – JOANA BELARMINO DE SOUSA – Membro Titular Interno (UFPB)

Olga Tavares
Prof.^a Dr.^a – OLGA TAVARES – Membro Titular Externo (UFPB)

A chegada do novo milênio trouxe uma nova onda de reflexão e ação. O momento que nosso planeta vive é ímpar, crucial e sem precedentes na história da humanidade. Somos parte dessa epopéia e possuímos a rara oportunidade de mudar o rumo da “nossa nave” e ajudar na preservação das gerações presentes e futuras. Não temos mais tempo, a contagem regressiva já começou... Nossa atitude deve mudar: reciclar, renovar e transcender. O comprometimento individual no AQUI AGORA vai favorecer a corrente pela sustentabilidade, e essa ação forte em rede sensibilizará a tod@s que ainda não acordaram do sono profundo e continuam maltratando nossa mãe natureza.

(Gaia, Pachamama).

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Maria de Jesus Lima e Paulo Pereira de Sousa (in memoriam), pela vida
que me deram e por todo amor! Luz!



Foto do Rio Paraíba- Jacaré

AGRADECIMENTOS

Quero utilizar-me de uma metáfora que fala de um rio a ser atravessado e, com ela, quero fazer uma comparação e falar da minha trajetória no Mestrado em Jornalismo Profissional. O barco disponível para fazer essa travessia não possuía vela a ser levantada e, portanto, o vento não poderia fazê-lo chegar mais rápido ao destino. As águas não eram revoltas, mas foi preciso remar com muita força, pois numa travessia há sempre tropeços, tempestades, circunstâncias, mau tempo, embora haja um objetivo, um caminho a ser descoberto e um lugar a chegar!

Uma particularidade desse *ir* é saber que se chegou à outra margem, mas sem exatidão do tempo percorrido e nem tampouco de um ponto calculado previamente para aportar. Houve muitas dificuldades! Mas havia uma certeza! O que se via lá em frente era o outro lado. A *imprecisão* foi apenas o incentivo desse percurso enquanto se estava no barco, intensamente em movimento, empunhando os remos.

A princípio, a gente se sente sozinha, e na solidão do navegar só há vez para os pensamentos. Mas durante a trajetória do caminho, os encontros se materializaram, sonhos que, no fechar dos olhos, abriram outras percepções, entendimentos, aprendizados e muitas experiências. Nesses encontros e cruzar de outros barcos, ideias e

olhares ajudaram a corrigir a rota da navegação e seguir o rumo certo. Foi assim que aconteceu no meu trajeto. Não desisti de atravessar o rio!

Pela experiência vivida, quero expressar minha gratidão, em primeiro lugar, a Deus, o Supremo Criador do Universo que me guiou em todos os momentos.

A muita gente especial que me apoiou durante todo tempo o mestrado Sou imensamente grata ao Universo por ter pessoas tão queridas ao meu redor. Listar todas elas seria impossível neste espaço tão curto, porém, gostaria de destacar algumas figuras, seres especiais, com as quais tenho a honra de dividir esta aventura maravilhosa, chamada VIDA e também esta Vitória. Agradeço, portanto;

À minha orientadora, professora e doutora Glória Rabay, que me acolheu no meio da travessia, colocando-se disponível para remar junto e nunca recomendou a que eu me desviasse do caminho ao atravessar os trechos em que se encontravam as águas agitadas. Porém, identificou alguns desacertos graves e me advertiu que, com isso, poderiam me levar a um naufrágio logo à frente, o que foi corrigido a contento. A orientação pelas águas tranquilas, reconhecidamente, foi um privilégio, pois me deixou remar praticamente livre. Isso é marca de um ser positivo com o dom de clarear intuitivamente os caminhos, sem precisar defarol, porque confiava que eu chegaria ao ponto determinado.

Meu carinho especial vai também para a professora e doutora Olga Tavares que estava comigo no início da missão, principalmente, pela paixão, aproximação e identificação com a viagem a percorrer e o objetivo a ser alcançado, mas por motivos alheios a nós, teve que me deixar ir, sugerindo que outra pessoa me auxiliasse no rumo com o barco. No entanto, com muita generosidade, mesmo que de longe, acompanhou e torceu positivamente pelo meu trajeto. Sua participação na banca de qualificação foi extremamente relevante, somando-se a da Professora Joana Belarmino, também presente neste percurso, que marcou a primeira etapa da travessia.

A gratidão também se estende aos professores do PPJ, em especial, aos professores Custódio, Firmino, Valdecir e à Professora Sandra Moura, que me fizeram desafios e me incentivaram a não desistir. Não era para ter medo do rio nem do barco, mas era necessário usar corretamente os remos, de forma a cumprir o objetivo que era a concretização do meu produto final.

Dos colegas, as lembranças ficarão eternizadas dos momentos compartilhados, nos encontros e nas remadas mais espaçadas e agitadas. A todos e todas indistintamente, meus agradecimentos pelos incentivos, apoios e apostas para que eu conseguisse chegar a tempo. Foi maravilhoso conhecê-los!

Aos alunos da disciplina Estágio Supervisionado do curso de graduação Radiojornalismo da UFPB e participantes da Webrádio Porto do Capim que foram essenciais para chegar à direção alcançada, com suas sugestões, levantamento de dados e na pesquisa das informações e elaboração dos textos da série dos programas de rádio: Adilson Santana, Anderson Rodrigues, Carol Barros, Mariana Oliveira, Marqueline Miranda, Janaína Muzi e também a Genésio Vieira, pela generosidade.

À família, mesmo longe, e meus amigos queridos, pela torcida e por acreditarem na minha força e determinação.

Aos colegas de trabalho da empresa Emlur e, em especial, aos Agentes de Limpeza, os integrantes do projeto Catadores de Arte que foram mais do que protagonistas remadores durante um bom percurso do rio.

E o registro de um sentimento especial e de agradecimento ao meu amigo e companheiro de trabalho, o músico Jairo Gomes, que me incentivou e deu forças para chegar à margem e, prontamente, dispôs-se a gravar e editar tecnicamente a série dos programas. Obrigada de coração, pelo carinho e cumplicidade.

E, finalmente, aqui chego com o barco e os remos intactos, pois ainda preciso deles. Tem novas águas ali na frente. Isso me faz agradecer aos meus protetores divinos, e aos que me permitiram que, em breve, eu continuasse a navegar num futuro próximo.

Meu obrigada!

Antonia Sousa

RESUMO

Tendo o jornalismo ambiental como prática de conscientização e cultura da sustentabilidade, o presente trabalho teve o objetivo de produzir um programa radiojornalístico com transmissão pela webrádio Porto do Capim. Nesse sentido, a pesquisa foi apresentada numa série de três programas sobre o lixo no município de João Pessoa, abordando aspectos no contexto da sustentabilidade. Para isso, a escolha desse produto foi motivada, principalmente, por ser o rádio um meio de comunicação popular e, dessa forma, apropriado para veiculação de programas radiofônicos que venham divulgar notícias sobre o meio ambiente e possam conscientizar os ouvintes para práticas sustentáveis, provocar mudanças e hábitos de comportamento e alertar para um novo conceito de cidadania. Sua veiculação pela webrádio Porto do Capim efetiva-se por ser um instrumento de comunicação já consolidado, tendo na sua programação conteúdos que dialogam com todos os públicos, privilegiando, sobretudo, as demandas socioculturais e ambientais da sociedade, e vem, a cada dia, ampliado seu raio de atuação, sendo essa ferramenta, na era da informação e da mobilidade, um canal disseminador de conhecimento, e mostra-se como o melhor veículo para a divulgação da temática que é o objeto deste trabalho.

Palavras-Chave: Jornalismo. Jornalismo Ambiental. Sustentabilidade. Lixo. Radiojornalismo. Educomunicação. Webjornalismo. Cidadania.

ABSTRACT

With environmental journalism as a practice of awareness and culture of sustainability, the present work had the objective of producing a radiojournalistic program with transmission by webrádio Porto do Capim. In this sense, the research was presented in a series of three programs on waste in the municipality of João Pessoa, addressing aspects in the context of sustainability. For this, the choice of this product was mainly motivated by the fact that radio is a popular means of communication and, therefore, suitable for broadcasting radio programs that disseminate news about the environment and can make listeners aware of sustainable practices, provoke Changes and habits of behavior and alert to a new concept of citizenship. Its webcasting Porto do Capim is effective because it is an already consolidated communication tool, having in its programming contents that dialogue with all publics, privileging, above all, the sociocultural and environmental demands of society, and comes every day, broadened its scope of action, being this tool, in the information and mobility era, a disseminating channel of knowledge, and it is shown as the best vehicle for the dissemination of the theme that is the object of this work.

Key-words:

Journalism.Environmental.Journalism.Sustainability.Garbage.Radiojournalism.Educommunication.Webjournalism.City.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	SUSTENTABILIDADE & COMUNICAÇÃO.....	25
3.	JORNALISMO AMBIENTAL.....	35
3.1	RADIOJORNALISMO.....	40
3.2	RADIOJORNALISMO AMBIENTAL COMO FERRAMENTA PARA A CIDADANIA.....	42
4.	EDUCOMUNICAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE.....	44
5.	OS IMPACTOS AMBIENTAIS CAUSADOS PELO LIXO E AS SOLUÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.....	48
6.	DIVULGAÇÃO AMBIENTAL NA WEB RÁDIO.....	58
6.1	PROGRAMA ESPAÇO AMBIENTAL.....	62
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS.....	78
	REFERÊNCIAS.....	82

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se fundamenta na perspectiva teórica dos conceitos de sustentabilidade e comunicação, jornalismo ambiental e educomunicação, e configurou-se com a convergência dessas significantes interfaces, para o desenvolvimento de um programa de radiojornalismo. Para a exibição do referido produto foi escolhido o rádio, através de um novo formato de radiofonia, a web rádio, uma importante ferramenta na era da informação e da mobilidade como canal disseminador de conhecimento e das demandas socioculturais e ambientais.

Com nome Espaço Ambiental e slogan Radiojornalismo, conscientização e compromisso do cidadão na preservação do meio ambiente, foi idealizado no sentido de contribuir para uma nova ordem associada às mudanças de hábitos da sociedade em relação ao meio ambiente, a exemplo do descarte e reciclagem de lixo.

O lixo é considerado, pelos órgãos ambientais, um grave problema não só ambiental, mas de saúde pública e de qualidade de vida para as pessoas, sobretudo, para o planeta. O volume acentuado tem se dado pelo elevado número da população no mundo e, possivelmente, pelo exacerbado consumismo e a falta de uma conscientização ambiental.

Os indivíduos precisam dos recursos naturais para sobreviver, ao mesmo tempo em que muitos se comportam de forma inconsciente nos espaços em que vivem, compreendendo desde o hábito de jogar papel na rua até o inadequado descarte dos resíduos, sejam eles domésticos ou eletrônicos. Presume-se que a ausência de uma cultura para atitudes e práticas corretas e a escassez de programas de políticas públicas voltados para uma educação ambiental sejam as causas que corroboram para o caos estabelecido.

A partir dessas hipóteses, este trabalho enfatiza vários aspectos do lixo como ponto de partida para abordar a prática da sustentabilidade e, para tanto, foi produzida uma série de três programas radiofônicos transmitidos pelas ondas da Web rádio Porto do Capim, para a população da capital paraibana e qualquer parte do mundo, com exibição semanal de duração aproximadamente de 30 minutos.

O programa Espaço Ambiental é resultado do trabalho final, pré-requisito para obtenção do título de mestre no Programa de Pós Graduação em Jornalismo, Mestrado

em Jornalismo Profissional, Linha de pesquisa: Prática, Processos e Produtos Jornalísticos, e agrega-se à webrádio Porto do Capim, um produto já solidificado, que serviu de plataforma para sua concretização.

A rádio Porto do Capim nasceu de um projeto desse mestrado, com autoria da jornalista Edileide Vilaça Bezerra, e orientação da professora doutora Olga Tavares, direcionada para prática de uma “comunicação colaborativa onde programas de conscientização e discussões socioculturais e ambientais fossem interconectados para um grande número de interlocutores, em contribuição para construção da cidadania” (BEZERRA, 2014).

Diante da proximidade com essa plataforma, o programa Espaço Ambientaldialoganamesmalinha de pensamento e foi desenvolvido para fazer parte da grade de sua programação como divulgação do meio ambiente. A meta é difundir informações que provoquem nas pessoas um olhar crítico sobre o ambiente que lhes cerca e que se sintam responsáveis e sejam multiplicadores de seus atos, num processo de conscientização, preservando a natureza.

Segundo Trigueiro (2006), estamos num cenário de crise ambiental, sem precedentes, devido a milhares de desequilíbrios provocados, tanto pela ação dos seres humanos, bem como por causa dos meios de produção de consumo, das atividades agropecuárias e pelos impactos causados pela industrialização e urbanização e isso vem exaurindo numa velocidade assustadora, levando a uma exploração excessiva dos recursos naturais e interferindo diretamente na vida do planeta e na existência da espécie humana.

Por outro lado, Trigueiro (2006, p.7) assinala que não basta denunciar o que está errado. Faz-se urgente apontar soluções, caminhos e planos viáveis para manter o planeta vivo e especificamente os seres que o habitam. É preciso sinalizar rumo e perspectiva, dar visibilidade às soluções sustentáveis que fertilizam o campo das ideias para a semeadura de um novo tempo, de um novo projeto de civilização.

De acordo com o autor, nas últimas décadas ocorreram muitas transformações sociais que vieram comprometer as relações do homem com o meio ambiente. Devido a muitas circunstancias, surgiram mobilizações de setores diversos com sugestões de modelos de desenvolvimento alternativos, no sentido de manter uma qualidade de vida para a humanidade e garantir a conservação dos recursos naturais para as gerações

futuras. Nesse parâmetro, ocorre o debate à prática da sustentabilidade que se dá, antes de tudo, no mundo das pessoas, nos aspectos ambientais, econômicos, políticos, sociais e culturais.

De acordo com o relatório “Perspectivas da População Mundial”, divulgado pela Organização das Nações Unidas-ONU (2016), a população mundial soma atualmente 7,2 milhões de pessoas, com perspectivas de chegar a 9,6 milhões de habitantes até 2050. Essa probabilidade de crescimento levará, automaticamente, a um aumento do consumo, influenciando, principalmente, na produção do lixo e provocando mais impactos socioambientais.

O relatório do Instituto Planeta Vivo (WWF, 2008) também faz referências sobre o consumo da população mundial que, segundo dados, faz usomais do que a capacidade do planeta tem de se regenerar. O consumo faz parte da vida de qualquer ser humano, no entanto, torna-se consumismo quando acontece de forma descontrolada.

Conforme estudo feito pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), (2014) a produção de lixo no Brasil cresce em ritmo mais acelerado do que a população urbana. Dados do Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil confirmam que 41% das 78,6 milhões de toneladas de resíduos sólidos gerados no país em 2014 tiveram como destino lixões e aterros controlados. Segundo o documento, esses locais são inadequados e oferecem riscos ao meio ambiente e à humanidade. A metodologia da pesquisa envolveu 400 municípios brasileiros, o equivalente a 91,7 milhões de pessoas. Esse percentual indica que, por dia, cada brasileiro gera em média 1,062 quilo de lixo.

Desse modo, com esse volume de lixo gerado, faz-se necessária a diminuição e descarte adequado pela população, para que as pessoas sejam conscientizadas às práticas de consumo consciente, haja vista muitas cidades brasileiras não possuírem aterros sanitários adequados para comportar esses resíduos. Esses são pontos básicos do debate sobre a sustentabilidade através da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei 12.305/2010 instituída pelo Governo Federal que impõe a todos os atores/consumidores, sociedade, governo e empresas e cidadãos, responsabilidades diferentes pelo destino dado ao lixo que produzem.

Outro fator preocupante que gera diversos impactos ambientais tem sido a exploração do planeta causada pelo agronegócio. Conforme dados da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (2015) (ele representa 21% do PIB brasileiro e tem se

expandido em termos econômicos. No entanto, muitas empresas visando apenas o lucro imediato desrespeitam as legislações ambientais e exploram o meio ambiente sem se importar com as consequências.

Thamires Olímpia Silva (2015), entre os diversos problemas ambientais no espaço agrário está o desmatamento da Mata Atlântica, da qual o Pantanal e a Amazônia estão ameaçados de extinção, se não houver alternativas de minimização, muitas espécies da fauna e da flora continuarão a desaparecer. O uso indiscriminado de agrotóxicos lançados nas plantações também tem contribuído para contaminação do solo, da água e do ar, cuja infiltração na terra atinge os lençóis freáticos, infectando a natureza e, conseqüentemente, o homem.

A sustentabilidade favorece não só o meio ambiente (SILVA, 2015), mas também aumenta a produtividade das empresas e diminui gastos, no entanto, ainda há um grande desrespeito das empresas com as leis ambientais, uma vez que não há uma fiscalização efetiva para combater os crimes ambientais, apesar dos incentivos para práticas agrárias mais conscientes pelo desenvolvimento sustentável do agronegócio no Brasil, no entanto, não são colocadas em prática.

Conforme a mesma autora, as indústrias são consideradas também as grandes causadoras dos impactos ambientais, por lançarem milhares de poluentes na natureza. As poeiras industriais provocam a poluição atmosférica, que é considerada como um dos graves problemas nas grandes metrópoles, prejudicando a atmosfera e trazendo doenças para as populações.

As pessoas que são portadoras de problemas respiratórios e de doenças crônicas, como asma e bronquite, são as mais prejudicadas com a elevação dos níveis dos poluentes. A maioria desses fenômenos, geralmente, ocorre nos grandes centros urbano-industriais, onde concentram diversificados poluentes emitidos por várias fontes.

Há alguns fenômenos naturais que agrava a concentração de poluentes como a inversão térmica, os baixos índices pluviométricos, além da disposição do relevo, que pode dificultar a circulação atmosférica (REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA FÍSICA, 2015).

O conhecido efeito estufa é um exemplo de um desequilíbrio atmosférico, provocando uma elevada concentração de gases que absorvem o calor. De acordo com publicação da referida revista, uma duplicação de concentração de dióxido de carbono

na atmosfera pode provocar uma elevação média de três graus na temperatura terrestre, o que tem elevados o nível dos oceanos.

É considerado também um problema ambiental de caráter global a camada de ozônio, responsável pela regulação na vida na terra no que se refere aos raios ultravioletas emitidos pelo sol e que, hoje, causam doenças, como câncer de pele, entre outras enfermidades, a exemplo de perturbações da visão. Os grandes vilões responsáveis pela destruição de ozônio são os gases CFCs, alguns tipos de solventes que compõem as embalagens de aerossóis e as espumas plásticas, além de outros produtos químicos. São comprovados também que muitos poluentes produzidos pelo uso de combustíveis nos transportes como os veículos automotores, nas grandes indústrias e nas termelétricas, contribuem para os impactos ambientais, bem como os resultados inconseqüentes das atividades humanas, comocausadores da devastação do meio ambiente.

André Trigueiro(2006) acredita que o mais grave problema ambiental do século 21 é o aquecimento global e, dentre essas questões, estão intrinsecamente relacionadas ao modelo socioeconômico de vida. Para Trigueiro (2006), a mídia tem um papel fundamental na superação desses desafios, pois não basta uma sensibilidade para assuntos ambientais apenas quando se trata de circunstâncias trágicas. Mesmo sendo correto, é preciso perceber a urgência de abrir espaço para novas pautas com objetivos distintos:

Em entrevista ao Observatório da Imprensa, sobre as obrigações do jornalismo ambiental, Trigueiro (2006),ressaltou que é preciso:

Explicar com clareza e objetividade os desafios que temos pela frente em relação ao aquecimento global, escassez de recursos hídricos, desertificação do solo, destruição da biodiversidade, multiplicação do volume de lixo, consumismo desenfreado e compulsivo, transgenia irresponsável (entre outros assuntos um tanto ausentes no noticiário); e sinalizar rumo e perspectiva para a sociedade dando visibilidade a inúmeros exemplos de que é possível viver em um mundo sustentável, ou seja, construir um projeto de desenvolvimento que gere riqueza sem destruir o meio ambiente.

O autor e jornalista ambiental afirmou ainda que é preciso dar espaço para quem está fazendo a diferença na direção da sustentabilidade: “Disponibilizar informações relevantes que ajudem a consolidar uma nova cultura, uma nova visão de mundo, uma nova ética existencial”. A comunicação tem um papel fundamental na divulgação das

questões relacionadas ao meio ambiente, para levar os cidadãos a entenderem que muitas de suas ações provocam impactos sobre os recursos naturais e que os mesmos possam mudar suas práticas e hábitos.

A mídia pode contribuir para determinar mudanças importantes de consciência que se traduzam em novas políticas públicas de desenvolvimento, novos paradigmas de gestão empresarial, e um novo conceito de cidadania, mais amplo e abrangente- a cidadania ecológica planetária (TRIGUEIRO, 2006, edição 362).

Na plataforma das 21 ações prioritárias da Agenda 21 Brasileira (2004, p. 34) se afirmou que a sustentabilidade tem uma dimensão comunicativa e sugere a viabilidade de uma mobilização pedagógica e social dos meios de comunicação – televisão, rádio e jornal –, para veicular informação de interesse social, produzindo campanhas de conscientização, gerando notícias capazes de sensibilizar os cidadãos para práticas sustentáveis.

Comesse mesmo foco, o Programa Nacional de Educação Ambiental – PRONEA (2005) teve, como um de seus objetivos, colocar em prática a promoção de campanhas de Educação Ambiental nos meios de comunicação de massa, de forma a estimulá-los como colaboradores ativos e permanentes na disseminação de informações e ações educativas ambientais.

Muito já se avançou na qualidade de informação do meio ambiente na mídia. Em muitos veículos de comunicação (TRIGUEIRO, 2006), o meio ambiente já não é entendido como tabu e a demanda de informação nessa área só faz crescer, pois durante muito tempo noticiaram o meio ambiente com informações fragmentadas, especificamente, nos jornais impressos, apenas em enfoques aparentes, baseados no sensacionalismo, no terrorismo, no espetacular, e não propriamente pelo aspecto educativo.

Dias (1992) resume, com propriedade, essa realidade e argumenta que a informação ambiental existente nos meios de comunicação de massa poderia ser pela difusão dos conhecimentos sobre a proteção e melhoria do meio ambiente, contribuindo para a educação ambiental. Ele vê uma alternativa viável para atingir públicos diversos, até mesmo aqueles que são marginalizados e não têm acesso às políticas públicas. Ao mesmo tempo, o autor argumenta sobre a monopolização que há por empresas

predadoras nos veículos midiáticos, atrasando a divulgação e a massificação da temática ambiental. Ele chama a atenção também sobre a falta de qualidade da informação visando apenas os índices de audiência, sem comprometimento social.

Para tanto, outras formas metodológicas, práticas educativas e inovações sociais, passaram a ser idealizadas e aplicadas criando perspectivas de uma nova cultura, proporcionando a formação de uma conscientização ambiental para os cidadãos, no sentido de preservar o meio ambiente. Foi assim que o jornalismo ambiental surgiu como promotor do debate social, para tornar mais conhecidas as ciências da vida e, portanto, da natureza nos meios de comunicação.

Foi com esse embasamento que surgiu a idealização de um instrumento de informação que pudesse contribuir para as mudanças de atitudes e comportamento das pessoas referente às problemáticas ambientais, a exemplo da realidade do lixo em João Pessoa.

De acordo com Nélia Del Bianco (2000), o rádio como veículo de grande alcance público, é, sem dúvidas, o meio apropriado para servir de espaço educativo com programas desenvolvidos para essa finalidade:

O rádio é uma das mídias mais popular, podendo ser utilizada na divulgação de notícias sobre educação e na distribuição de programas radiofônicos educativos que transmitem ideias e mensagens visando à promoção humana e o desenvolvimento integral do homem, podendo estimular a reflexão e a transformação social (DEL BIANCO, 2000, p. 04).

O rádio tem uma história consolidada na função educativa. Foi no ano de 1936 que o professor Roquette Pinto, um dos pioneiros no ramo da radiofonia, doou, oficialmente, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao Ministério da Educação, na intenção de difundir educação e cultura (KATARINI, 2006, p. 02).

Partindo dessa premissa para a difusão educativa, surgiu a ideia de se criar um radiojornal com uma linha editorial ancorada nos pressupostos da Política Nacional dos Resíduos Sólidos e atualizada com todos os conteúdos relacionados à temática, à destinação adequada dos resíduos, à coleta seletiva, lixo eletrônico, as políticas públicas e as práticas de adoções conscientes.

O programa **Espaço Ambiental** firma-se também pelo campo da educomunicação como um espaço aberto às reflexões cotidianas. Veio para suprir uma lacuna nos meios de informação local e cumprir a função socioambiental na Web rádio Porto do Capim. Para tanto, o desafio na produção dessa ferramenta de cunho educativo é aproximar-se da população de João Pessoa, com a finalidade de esclarecer o cidadão sobre o seu papel como gerador de lixo e gerenciador dos resíduos e alertar sobre a responsabilidade da ação dos agentes sociais (governo, órgãos, empresas e sociedade) e, naturalmente, divulgar todas as políticas públicas existentes relacionadas à temática, contribuindo para que as pessoas tenham acessos e exerçam a cidadania.

O interesse por essa temática surgiu há vários anos em decorrência da minha prática profissional na Empresa Municipal de Limpeza Urbana de João Pessoa – EMLUR, com a efetivação de inúmeros programas e ações educativo-ambientais e culturais de combate às problemáticas do lixo voltadas para a população, todas com a finalidade de sensibilizar os cidadãos para as mudanças de hábitos e atitudes em relação ao uso adequado do descarte do lixo.

Convivendo nesse universo, essas experiências me proporcionaram mudanças de valores e perspectivas em relação ao meio ambiente. No entanto, pôde ser constatado o quanto ainda se faz necessário promover educação ambiental em vários setores da sociedade, principalmente, nas comunidades mais carentes e desprovidas de políticas públicas. Refletindo sobre esse cenário, surgiram muitos questionamentos sobre o futuro da população em relação ao exercício da cidadania e à prática da sustentabilidade.

Um radiojornal para divulgação ambiental da rádio Porto do Capim, com informações que dizem respeito à vida das pessoas e do planeta é, ao mesmo tempo, utilizado como prática extensionista para os alunos da disciplina Estágio Supervisionado do curso de graduação em Rádio e TV da Universidade Federal da Paraíba, que têm a oportunidade de colocar em prática os conteúdos adquiridos em sala de aula. Inspirado pelo pensamento de Fritjof Capra: “[...]. A proteção ambiental é uma empreitada que transcende todas as diferenças de raça, cultura ou classe, que a terra é nosso lar comum e que criar um mundo sustentável é nossa tarefa comum (In TRIGUEIRO, 2008)

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada durante o período letivo 2016.1 na disciplina de Estágio Supervisionado do curso de graduação Rádio e TV da UFPB, onde atuei como coordenadora acadêmica da referida disciplina. A experimentação se deu junto a uma equipe de alunos que se disponibilizou a participar da elaboração do programa Espaço Ambiental para veiculação na webrádio Porto do Capim que, atualmente, reúne a comunidade acadêmica na produção de programas radiofônicos experimentais voltados para as demandas socioculturais e ambientais da sociedade.

A webrádio Porto do Capim, por ser considerada a primeira web comunitária da Paraíba, funciona também como um projeto de extensão, onde os alunos têm a oportunidade de exercitar o saber teórico, científico e metodológico que adquirem em sala de aula, visando beneficiar os ouvintes da Porto do Capim e sociedade em geral, ao mesmo tempo de empoderar a UFPB, divulgando e intensificando a sua qualidade de ensino e responsabilidade social.

A viabilização da extensão como prática social da Universidade não passa apenas pelo estabelecimento da interação ensino e pesquisa, mas implica a sua inserção na formação do aluno, do professor e da sociedade, na composição de um projeto político-pedagógico de universidade e sociedade em que a crítica e autonomia mediadas pelo diálogo são os pilares de sua ação e produção do conhecimento, elemento propulsor da emancipação humana e social. (Morlin, 2009, p.13).

Aliando a interlocução de saberes da webrádio Porto do Capim com a academia, a elaboração deste programa veio como uma contribuição imprescindível para a formação dos alunos envolvidos, tanto para a prática profissional como no exercício da cidadania, da prática social, para uma transformação efetiva. Para isso, a metodologia utilizada foi à pesquisa-ação agregada à prática extensionista, haja vista ambas estarem envolvidas dentro de uma abordagem de responsabilidade social e transformação de sujeitos na sociedade. Pesquisa e extensão juntas com o engajamento dos alunos/as nos saberes radiofônicos.

Em se tratando de uma webrádio acadêmico-comunitária que privilegia diversidade cultural e de saberes, portanto, a pesquisa e extensão elegem novas perspectivas para, através da pesquisa-ação, o conhecimento ser materializado em produções radiofônicas por meio de um planejamento colaborativo através de um esforço coletivo dos corpos docente e discente entre outros, no compartilhamento da construção do produto e sua concretização.

Na concepção de Thiollent (2003, p. 58), em projetos de extensão as metodologias participativas, a exemplo da pesquisa-ação têm um papel importante, sobretudo quando se destina às comunidades externas e que haja ação compromissada e mobilizadora, cooperando, de certo modo, na construção de novos conhecimentos.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2004, p. 4).

Desta forma, a realização da referida pesquisa junto à comunidade acadêmica, foi possível efetivar o conhecimento e viabilizar soluções para os problemas detectados, potencializando o espírito crítico através de discussões e outras formas de atuação coletiva, bem como proporcionar a interação entre participantes e a universidade.

Nessa pesquisa a pesquisa-ação foi aplicada com base empírica e desenvolvida em estreita parceria com os sujeitos da pesquisa (alunos da disciplina estágio supervisionado período 2016.1). Da equipe formada, cada integrante procurou contribuir de acordo como o que acreditava ser alvo de relevante para elaboração do produto educativo/ambiental (programa radiojornalístico) no sentido de colaborar para uma consciência pública e social mais ampla, e transformar uma realidade. Todos os participantes se mostraram envolvidos e proativos em todos os processos de produção e pesquisa do referido trabalho. Trouxeram para o debate em sala de aula temas relevantes sobre meio ambiente, para serem apresentados com uma linguagem acessível para os ouvintes de uma webrádio, estimulando-os para novos comportamentos e mudanças de hábitos. Com os subsídios dos ensinamentos obtido nas aulas da disciplina, iam sendo organizados os gêneros jornalísticos para aplicá-los num programa de rádio para um suporte atemporal e sem limites geográficos, a webrádio Porto do Capim.

Desde o início foi possível visualizar a abrangência do projeto a partir da delimitação das fases e percursos da metodologia aplicada para concretização do produto. Haja vista a pesquisa- ação se consolidar no processo de construção de um conhecimento e se apropriar criticamente da realidade para poder transformá-la. Partindo dessa prática, o referido produto foi desenvolvido, onde se optou descrever em momentos buscando a descrição do contexto e das condições objetivas para o cumprimento das etapas.

Momento 1 – Correspondeu a fase exploratória- Houve a mobilização para a formação da equipe e a divisão das atividades onde teve duas funções importantes. A primeira foi o interesse dos alunos pela temática ambiental e a apropriação da pesquisa, de forma que proporcionou um entendimento mútuo entre os integrantes envolvidos. A segunda foi sobre o diagnóstico traçado de algumas problemáticas relacionadas ao meio ambiente e seus impactos, através de bibliografias e pesquisas na internet sobre o lixo e especificamente em João Pessoa. Eram debatidas durante as aulas e com todo acompanhamento do pesquisador. Durante alguns encontros, foram reservados para a organização das informações coletadas e para mapeamento dos assuntos mais evidentes, com a escolha dos temas para as edições do programa radiofônico.

Momento 2 - Essa fase foi desenvolvida tanto em sala de aula como atuação em campo. Depois de delimitadas as informações, os alunos envolvidos se voltaram para colocar os conhecimentos em prática. Juntos, elaboramos as pautas das edições programadas, e definimos o nome do programa de radiojornalismo ambiental. Em seguida, os integrantes se dividiram para cumprir as pautas e saíram em busca dos dados, das fontes e todas essas práticas eram trazidas para a socialização e análise da equipe na sala de aula. A partir da experimentação, houve pela equipe uma apropriação do conteúdo específico sobre a temática ambiental, necessário ao desenvolvimento do projeto, resultando num planejamento do formato dos programas, considerando os objetivos, as metas e os resultados esperados, permitindo ainda uma posterior avaliação e monitoramento do que foi projetado. Esse momento foi primordial e se caracterizou pelo estímulo e envolvimento dos alunos na participação das reportagens, entrevistas com especialistas e fontes sobre os assuntos pautados. Embora fossem processos diferentes, a execução foi simultânea e articulada e sempre com acompanhamento e observação do pesquisador no seu processo de realização e elaboração dos programas radiofônicos.

Momento 3 – A pesquisa foi alcançada até o final do semestre letivo, com três edições do programa radiofônico ‘Espaço Ambiental, desenvolvida de forma dialógica e continuada, seguindo todas as etapas planejadas. E como cumprimento dos critérios da disciplina de Estágio Supervisionado, houve uma avaliação com os envolvidos sobre o trabalho realizado, com novas possibilidades de ação a partir da reflexão de todos componentes relacionados à prática social e também jornalística. O produto ficou concluído para veiculação e fazer parte da grade de programação da webrádio Porto do Capim.

2. SUSTENTABILIDADE & COMUNICAÇÃO

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo (Suécia, 1972), foi o marco na escala mundial para a propagação da sustentabilidade. A partir daí, o termo sustentabilidade passou a ser utilizada nos mais diferentes contextos e propósitos.

Sustentabilidade é uma palavra que se lembra de imediato apenas, sua relação com o meio ambiente. No entanto, ela é abrangente, porque está inserida a figura do homem e, conseqüentemente, sua preservação. E por ter um contexto ampliado, envolve áreas diferentes que, ao mesmo tempo, são interdependentes e interligadas. Ela está diretamente ligada ao desenvolvimento de vários setores da sociedade como a economia, a educação e a cultura, entre outros.

Entre muitos conceitos, sustentabilidade é um termo usado para definir ações e atividades humanas que visam suprir as necessidades atuais dos seres humanos, sem comprometer o futuro das próximas gerações. Ou seja, a sustentabilidade está diretamente relacionada ao desenvolvimento econômico e material sem agredir o meio ambiente, usando os recursos naturais de forma inteligente para que eles se mantenham no futuro. Seguindo esses parâmetros, a humanidade pode garantir o desenvolvimento sustentável.

André Trigueiro (2007) afirma que sustentabilidade diz respeito a um “equilíbrio dinâmico que rege o balanço de matéria-prima e energia de um determinado sistema”, o que ele chama de sinônimo de equilíbrio ou de sobrevivência. Pois, a partir do momento que o indivíduo usa de forma inteligente os recursos naturais, sem comprometer a capacidade de suporte ou recarga desses sistemas, está na direção do caminho da sustentabilidade. Quando ocorre no ritmo contrário, há desequilíbrio e risco para o meio ambiente.

Na concepção de Foladori (2005), a sustentabilidade está dividida em três linhas: econômica, ecológica e social. Para ele,

essas dimensões clareiam caminhos para englobar a miríade de vertentes que envolvem a temática ambiental e podem apontar para soluções transitórias e pragmáticas pós- capitalistas; assim como o próprio consumo solidário, consciente e sustentável, o comércio justo, a agroecologia e outras iniciativas.

Uma linha da sustentabilidade que dialoga com todas as outras é a social que se destaca no combate às desigualdades sociais, na ampliação dos direitos e garantido acesso aos serviços (educação e saúde principalmente) que visam possibilitar às pessoas acesso pleno à cidadania. Está automaticamente relacionada ao desenvolvimento sustentável e tem por objetivo a melhoria da qualidade de vida da população e gerações futuras, imprescindível para a mudança do panorama geral da sociedade.

Desenvolvimento sustentável significa obter crescimento econômico necessário, garantindo a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento social para o presente e gerações futuras. Portanto, para que ocorra o desenvolvimento sustentável é necessário que haja uma harmonização entre o desenvolvimento econômico, a preservação do meio ambiente, a justiça social (acesso a serviços públicos de qualidade), a qualidade de vida e o uso racional dos recursos da natureza.

No entanto, supõe-se que, para que esse processo venha acontecer, será necessária a participação conjunta e comunitária dos setores sociais, embora, em um país no qual os poderes públicos pouco fazem para estimular seus cidadãos. Para tanto, “é importante que haja a viabilidade econômica nas ações voltadas para a produção de bens e serviços, porém estes não devem comprometer o futuro das próximas gerações” (CARLOS FILHO).

Na visão de Aline Daher, Fritjof Capra já descreveu sobre a sustentabilidade sem citar o nome.

Capra ressalta a obsessão da sociedade capitalista pelo crescimento, investindo em tecnologia pesada, estimulando o consumo perdulário e a exploração rápida dos recursos naturais. Estes seriam alguns dos fatores responsáveis por provocar os desastres e catástrofes naturais de repercussão no mundo social, além dos problemas sistêmicos nos âmbitos econômico, político, etc.

No Brasil, infelizmente, ainda há uma grande parcela da população marginalizada socialmente sem acesso à educação ambiental para tratar corretamente o meio ambiente, contribuindo para a ocorrência de catástrofes e impactos ambientais, que ampliam a crise ambiental e a devastação do planeta.

No entanto, a crise ambiental foise acentuando na era moderna com o início da Revolução Industrial. Como avanço tecnológico e o desenvolvimento industrial foram se alastrando os impactos ambientais, deixando a vida do ser humano prejudicada.

Ao longo da história, a raça humana vem criando diferentes modos de se relacionar com a natureza. Desde a pré-história, com a descoberta do fogo, da agricultura e da pecuária, a capacidade do homem de transformar e agir na natureza tem se tornado maior. Contudo, a partir da Revolução Industrial, a ação do homem sobre o meio ambiente tem se tornado cada vez mais insustentável e destrutiva. (ALBUQUERQUE, 2007).

Neste contexto, Albuquerque (2007) acrescenta que a educação ambiental aponta para uma solução, a conscientização ambiental e a construção de uma nova relação entre o homem e a natureza. Ela é a portadora de um papel primordial na sociedade, porque tem de mudar a atitude individual de cada cidadão, sensibilizando desde as crianças, os adultos e idosos, passando pelas instituições, empresas, atingindo todas as organizações.

Segundo Jacobi (2003), todos possuem grande responsabilidade e cada cidadão tem um papel fundamental no combate à crise ambiental, em prol do desenvolvimento de uma nova cultura ambientalista. E para prática de um novo estilo de vida se faz necessário promover uma harmonia dessa coletividade com o meio ambiente.

A Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795\99) estabelece educação ambiental como “um componente permanente da educação nacional, e deve estar presente, em todas as modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”.

Para que haja uma educação para a sustentabilidade,

as gerações futuras devem ser educadas sobre como colaborar com a construção de um mundo mais sustentável desde agora, para que se tomem criticamente competentes e capazes de tomar decisões positivas do ponto de vista individual e coletivo(KAVA, 2015).

Para que metas como essas possam ser alcançadas, a mudança de comportamento no dia a dia é determinante para que se obtenha algum resultado futuro. O importante é adotar medidas que tragam benefícios não só para um único indivíduo, mas para o bem comum de todos, indistintamente.

Os desafios são grandes, porém não são impossíveis , o que difere um indivíduo do outro, é sua capacidade de gerir, e superar as barreiras que o cercam, e estamos cercados de desafios que no impõe a enfrentá-los, nesta sociedade, onde impera o capitalismo e um egoísmo gritante, que faz com que o cidadão se afaste da atual realidade, este é o desafio maior do educador contemporâneo, é utilizar das ferramentas que afastam as pessoas, em aliados para uma sociedade justa e sustentável, a fim de gerar pensamentos em praticas, para a preservação e a conservação dos homens e o meio ambiente em que vive (CARLOS FILHO).

Deve-se considerar que, para que as soluções das problemáticas que envolvem o cotidiano venham ocorrer, já que muitas dependem quase que exclusivamente do interesse dos governantes, as políticas públicas só poderão ser colocadas em prática e com mais rapidez para usufruto dos indivíduos, com a influência da sociedade. A mobilização da sociedade (VASCONCELLOS, 2013) é um fator determinante para a propagação da ideia da sustentabilidade e, conseqüentemente, melhoria da qualidade de vida.

A iniciativa privada também tem sido importante nesse processo – sejam elas empresas de pequeno, médio ou grande porte–, possibilitando e mantendo programas de incentivo às praticas sustentáveis dentro e fora de seu ambiente corporativo, junto a seus funcionários, visando à conscientização de forma ampla e geral. São adotadas também medidas socioeconômicas e responsáveis com o meio ambiente, mudanças de comportamento nos níveis gerenciais. Muitos empresários já compreenderam a partir de uma visão ampliada e sistêmica e já começaram a incorporar princípios de sustentabilidade em suas empresas

Tem sido um grande desafio, neste século, a mudança do sistema econômico estritamente consumista para um modelo sustentável com mudanças de padrões estabelecidos em todos os campos: político, social, ambiental e econômico e, sobretudo, nas empresas, por serem apontadas como responsáveis por esse modelo capitalista vigente.

Fábio Feldan enfatiza que para compreender o consumo sustentável é preciso observar que o problema não está no consumo em si mesmo, já que o mesmo é essencial para a vida humana,

mas os seus padrões e efeitos no que se refere a conciliação de suas pressões sobre o meio ambiente e o atendimento as necessidades básicas da humanidade. Para tanto, se faz necessário desenvolver melhor a compreensão do papel do consumo na vida das pessoas (FELDAN, 2008, p.148).

O consumismo está relativamente ligado a uma questão de cultura e hábito das pessoas. O conceito de necessário varia de pessoa para pessoa, é assunto de foro realmente cultural e também individual. Na sociedade, o consumo está subordinando à vida muito mais que a vida está subordinada ao consumo e, nesse sentido, essa questão começa na infância. Portanto, o primeiro passo a ser trabalhado é a relação do indivíduo enquanto criança e o consumo, que significa mudar o modelo de civilização.

Feldan (2008) acrescenta que a cidadania planetária objetiva dar oportunidade aos cidadãos deste planeta, incluindo as gerações mais jovens, de usufruir de experiências que venham satisfazer as suas potencialidades com dignidade, onde possam fazer uma revisão de valores praticados, desde os mais simples do cotidiano, nos quais o consumo se insere.

Em seu artigo “Consumindo a vida”, André Trigueiro (2006)

O lado perverso desse consumo excessivo é que ele se restringe a uma minoria concentrada principalmente nos países ricos. Apenas 1,7 bilhão dos atuais 7,2 bilhões de pessoas que habitam o planeta tem hoje condições de consumir além das necessidades básicas. Ainda assim, a demanda por matéria-prima e energia cresce, precipitando o mundo na direção de um impasse civilizatório: ou a sociedade de consumo enfrenta o desafio da sustentabilidade, ou teremos cada vez menos água doce e limpa, menos florestas, menos solos férteis, menos espaço para a monumental produção de lixo e outros efeitos colaterais desse modelo suicida de desenvolvimento.

Observa-se que algumas empresas brasileiras já propagam ideias sustentáveis pelas comunidades com objetivo de trabalhar a conscientização dos clientes e órgãos de defesa do consumidor como o Instituto Akatu pelo Consumo Consciente (www.akatu.net) e o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (www.idec.org.br), também desenvolvendo campanhas que alertam os consumidores sobre o consumo consciente.

Tomar partido em favor do consumo consciente, como sugerem essas organizações, é uma questão de sobrevivência. No Brasil, a questão da sustentabilidade é pouca desenvolvida, uma vez que em outros países da Europa e América do Norte ela é bastante avançada e já faz parte de políticas econômicas e sociais e é tratada com rigor, sendo debatido e ensinado desde escolas até projetos de governos.

Lembrando-se de que, para “a sustentabilidade criar raiz, é necessário que se tenha princípios e valores éticos com todos os seus públicos de interesse, sejam eles: alunos, professores, pais de alunos, comunidade vizinha, imprensa, governo, mídia dentre outros” (BLASO, 2008).

Por isso, cada vez é preciso novos projetos e ideias inventados e reinventados, para que a sociedade possa viver bem e melhor, assim como as futuras gerações.

Uma sociedade na qual o respeito ao meio ambiente é a base para todo o resto, repassando esses valores para as novas gerações e tentando amadurecer cada vez mais a ideia de que é possível sim que exista um país desenvolvido e que lide com a sustentabilidade de maneira natural, excluindo de vez da cabeça das pessoas o mito de que o desenvolvimento está diretamente relacionado com a falta de responsabilidade e preocupação pública pela natureza.¹

As problemáticas ambientais têm sido preocupação também dos meios científicos e acadêmicos como também dos meios de comunicação. São raros os dias em que não nos deparamos com notícias que tratam de questões ambientais. Para as empresas de comunicação é um fator decisivo a formação de uma *consciência coletiva*, o que, por outro lado, não elimina a importância e necessidade em manter cadernos e páginas específicas sobre o assunto.

Em seu artigo "Menos catástrofes e mais ecojornalismo", Belmonte (2004, p. 15-48) ressalta que as coberturas de informações ambientais devem ser de qualidade e defende o debate público sobre a questão ambiental, e não apenas enfoques superficiais baseados em sensacionalismo, terrorismo, colocando o meio ambiente na audiência do espetáculo e não da educação.

¹<http://www.brasilsustentavel.org.br/sustentabilidade>

O objetivo maior a ser alcançado, com uma editoria [...] em meio ambiente, é o de começar a incutir ou formar no seio da sociedade uma consciência crítica sobre esta problemática, bem como propiciar o surgimento de ideias e alternativas para a solução de problemas ambientais (UNGARETTI, 1998, p. 28-29).

As empresas de comunicação são consideradas como as principais mediadoras do processo de negociação entre o campo econômico, político e a sociedade, e a partir das ações que elas possam empreender é que vai depender o poder de absorção desse modelo sustentado.

Na era da globalização, os media especialmente a TV, são considerados instrumentos básicos para o processo de integração cultural que começa a delinear com o cenário das tecnologias de informação (LUFT, 2005, pág.10).

Com base no novo cenário multicultural, os meios de comunicação têm a função de adotar estratégias que venham contribuir para o processo de construção da cidadania assumindo a defesa do meio ambiente e, acima de tudo, com a obrigação e o dever de informar de forma correta sobre o compromisso ético aos seus receptores.

Para tanto, os veículos podem adotar alguns procedimentos para se adequar às novas tendências, desde o ajuste do discurso jornalístico:

transformar a informação em meio ambiente num produto vendável e atraente para o público, partindo de princípios sustentáveis, se constitui na principal estratégia para a sobrevivência das empresas no futuro. O que significa adotar uma responsabilidade ambiental a partir de posturas inovadoras que possam provocar mudanças em termos editoriais e principalmente sobre a “prática jornalística”(LUFT, 2005, p. 112).

Com a convergência midiática, a internet provocou mudanças em toda sociedade, tornando-se essencial à vida moderna por ser uma das maiores maneiras de adquirir e compartilhar informações, conhecimentos e experiências. A comunicação através das redes sociais passou a ser estabelecida com muito mais facilidade, uma vez que as informações chegam com rapidez. Através dessas ferramentas, as pessoas se relacionam e expõem suas ideias de forma instantânea, expressando-se sem barreiras de distância ou tempo.

A classe empresarial também passou a incluir nas suas gestões tendências para a ampliação das práticas sustentáveis, utilizando-se de ferramentas da internet na sua comunicação corporativa, como as mídias sociais, no sentido de fortalecer e estreitar o relacionamento com o público e aumentar o engajamento das partes envolvidas, funcionários e clientes.

As grandes indústrias, por exemplo, têm um papel muito importante na transformação do consumo. Dentre outros setores, há também preocupação constante com a sustentabilidade, sendo sempre auxiliados pela inovação nesses processos, cada vez mais na questão de um presente mais consciente para um futuro mais promissor.

Essa realidade mostra que é possível através da comunicação, do jornalismo entre outras interfaces, dialogar com os indivíduos, suas atuações participativas, para uma mudança transformadora e comprometimento das práticas sustentáveis.

Um dos argumentos apontados pela jornalista e ambientalista Teresa Urban(2006) em seu artigo ‘Um olhar diferente da mídia sobre o meio ambiente’, o que cria problemas para o meio ambiente é a falta de informações:

Em primeiro lugar, transforma o cidadão num predador, por ignorância de causas e conseqüências. Em segundo lugar, dificulta o exercício da cidadania, por desconhecimento dos direitos individuais e coletivos. Finalmente, acaba determinando o isolamento das organizações governamentais e não governamentais da área, que não contam com canais adequados para construir uma base de apoio na opinião pública (2006, p.1).

Essa falta de informações a que a autora se refere pode ser remetida a diversos fatores como, por exemplo, a ausência da educação em vários parâmetros, falta de responsabilidade social dos poderes públicos, com suas ineficientes políticas públicas que não são colocadas em prática e acabam trazendo verdadeiros prejuízos para o meio ambiente, bem como a falta de sensibilidade dos meios de comunicação por não evidenciarem essa temática, muitas vezes, atrelada a um posicionamento editorial de cunho financeiro.

Pelo lado humanístico e educativo, tem-se a visão do teólogo e escritor Leonardo Boff que, a esse respeito, adverte:

É preciso construir um novo ethos que permita uma nova convivência entre os humanos com os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica; que propicie um novo encantamento face à majestade do universo e à complexidade das relações que sustentam todos e cada um dos seres. [...] A casa humana hoje não é mais o estado-nação, mas a Terra como pátria/mátria comum da humanidade (2004, p.27).

Isso vem reforçar novas posturas de sobrevivência colocadas em prática e que, segundo Boff, (2004) a educação ambiental permanente é fundamental (seja ela formal, informal ou não formal), pois são perceptíveis que, além dos interesses econômicos, estão também incluídas questões socioculturais no contexto ambiental. Quem reforça essa preocupação também é Pedro Celso Campos (2007), alertando que a educação das pessoas não deve ser apenas de responsabilidade da escola formal:

a urgência da questão ambiental é de tal ordem que já não se pode mais deixar apenas a cargo da escola formal o dever de educar para o meio ambiente. A alfabetização ecológica da sociedade deve perpassar todas as instâncias de locução. Isto significa que cabe à mídia o dever cívico de, primeiramente, tomar conhecimento da problemática que envolve o desenvolvimento sustentável, e, em seguida, transmitir mensagens persuasivas na direção de uma mudança do comportamento das pessoas (CAMPOS, 2007).

Na concepção de Margarida K. Kunsch,(2009), a sustentabilidade ainda tem um longo caminho a percorrer e a comunicação tem um papel primordial nesse contexto, porque é uma realidade que nem os cidadãos nem os poderes públicos conseguiram ainda assimilar. Para isso, têm que ser levado em consideração alguns aspectos para promover a sustentabilidade:

Imprescindivelmente com o auxílio da comunicação e também dos meios e de toda a convergência midiática. Somente com a comunicação seria possível conscientizar a população em geral de que o atendimento às necessidades e aspirações do presente sem comprometer a possibilidade de atendê-las no futuro é uma tarefa de toda a sociedade mundial e não só de uma pessoa, de uma só organização e de um só país(KUNSCH, 2009, p. 70).

A sustentabilidade deve ser pensada como algo complexo e que continuará exigindo um esforço de mudança e transformação – como previamente visto – e visa o

bem-estar da sociedade de hoje e a de amanhã em relação ao meio ambiente. Para que ela de fato se concretize se fazem necessárias grandes e intensas campanhas de divulgação, realizadas tanto pelos setores básicos e políticos, como por empresas – sejam elas de grande ou médio porte – que visem os projetos e a aplicação da mesma, tanto em seus estabelecimentos quanto fora dele.

A mobilização da sociedade para esse fim também é um fator determinante para a difusão da sustentabilidade. É importante que haja uma responsabilidade de uns para com os outros. Conforme está explícito no Relatório Brundtland: “Desenvolvimento sem melhoria da qualidade de vida das sociedades não pode ser considerado desenvolvimento”.

A comunicação com inovação está a serviço da nossa sobrevivência e a serviço de uma humanidade que precisa de mais consciência ambiental, em cuidar do que é precioso, um planeta com mais equilíbrio e com maior preservação de seus recursos para as gerações futuras e para que todos possam viver com dignidade.

3. JORNALISMO AMBIENTAL

A troca de informações mais amplas foi retomada por conta de um dos maiores eventos sobre o meio ambiente, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento-Eco 92, realizada no Rio de Janeiro, em 1992. Nesse importante fórum de discussões foi produzida a Agenda 21 (documento com metas e diretrizes destinadas à sustentabilidade ambiental no intuito de se alcançar a qualidade de vida das populações mundiais). A partir daí, essa Agenda passou a ser exigida para cada país envolvido. No Brasil, a Agenda foi direcionada aos órgãos ligados à educação e para os municípios, para implementação de políticas socioambientais e econômicas nas áreas urbanas e rurais (GONÇALVES, 2004).

Nessa ocasião, houve um grande impacto das discussões nos meios de comunicação, fazendo surgir novos instrumentos midiáticos com conteúdos específicos e ambientais. Anos depois, começou a ser praticado um jornalismo especializado, o ambiental, definido por André Trigueiro (2006) como:

um gênero de cobertura bastante sensível aos estragos causados por um modelo de desenvolvimento que vem exaurindo, em velocidade assustadora e numa escala sem precedentes, os recursos naturais não renováveis do planeta, com impactos negativos sobre a qualidade de vida da população.

Em sua obra *Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa*, o Wilson da Costa Bueno (2007) (apud Juliane do Rocio Juski, 2015), esclarece que “tanto a comunicação como o jornalismo precisam da contribuição de outras áreas, uma vez que ambos são conceitos intra e multidisciplinares, eles não se consolidam por si só, necessitam do conhecimento de outras áreas”.

Para isso, o surgimento de elementos, ferramentas e práticas educacionais, como parte da construção de um *novo discurso*, de um novo aprendizado, valem para experimentar outra forma de convivência social. A educação surge como vertente da organização social não muito conhecida no contexto em que se vive, mas que se

acosta aos veículos de comunicação e passam a funcionar como ferramentas pedagógicas.

Quem define melhor sobre esse campo é o pesquisador e professor da USP, Ismar de Oliveira Soares (2004), responsável pela criação do Núcleo de Comunicação e Educação na Universidade de São Paulo (NCE-ECA\USP):

Um campo de convergência de todas as áreas das ciências humanas. A educomunicação pressupõe a utilização de práticas comunicativas em estruturas educadoras formais e/ ou informais. Visa participação, articulação de gerações, setores e saberes, integração comunitária, reconhecimento de direitos e democratização dos meios de comunicação com o maior acesso popular às pautas, à produção e à gestão da comunicação pelos canais massivos. As redes de comunicação presenciais e virtuais, e a interação entre elas configuram, no processo cultural vivo, os “ecossistemas comunicativos” (2004).

Cada vez mais a temática ambiental vem chamando atenção da sociedade e, conseqüentemente, da mídia, no entanto, o jornalismo ambiental, como uma atividade especializada, não é facilmente encontrada na maioria dos veículos de comunicação. Além de levar em conta as peculiaridades de cada mídia e do perfil de audiência, o discurso tem o destaque de acordo com a capacidade de influência do veículo, pois não é um jornalismo como os outros. Ele segue princípios especializados que frequentemente divergem do ponto de vista dominante.

Marcos Sá Correia (2005) reflete “que não é só um modo de apurar e escrever, mas também de um modo de vida, de olhar o mundo e de ver a si mesmo”. O papel desse jornalismo especializado é “parte de um conceito de serviço social, dá voz a lutas sufocadas por isso exige doses extras de credibilidade e propósito. Em cada medida e em certas ocasiões, quase sempre envolve riscos e sacrifícios” (TRIGUEIRO, 2005, contracapa).

O papel deste jornalismo, do ponto de vista social, para Belmonte (2004, p. 15-48) cumpre bem o papel de informar, mas o problema em relação ao meio ambiente é a falta de compromisso com outros dois papéis associados também à atuação da imprensa: o de educar e o de transformar.

Arelado a vários campos de conhecimentos, o jornalismo ambiental reúne vários saberes e que juntos formam o saber ambiental. É considerada uma atividade especializada em meio ambiente. Há discussões pelos especialistas desse jornalismo

estar inserido no jornalismo científico (também denominado de jornalismo de ciência ou jornalismo sobre ciência) ou apenas podem ser confundidos.

Alguns acreditam que, talvez até pelo fato de as temáticas ambientais serem multidisciplinares e interdisciplinares, o jornalismo ambiental é considerado, ao mesmo tempo, uma subárea do jornalismo científico e uma especialização à parte. Como, por exemplo, na opinião de um dos ícones do jornalismo nas questões ambientais, Randau Marques, considerado um dos primeiros jornalistas brasileiros a se interessar pela temática ambiental, ao defender que o jornalismo ambiental não existe, mas apenas há jornalismo científico (BARBOUR, 2003).

No ponto de vista de Liana John (2001), o jornalismo ambiental mantém-se à parte do jornalismo científico devido ao ativismo dos jornalistas ambientais, cuja tarefa é informar educando:

A tarefa – de informar educando – encontra algum paralelo no jornalismo científico, do qual o jornalismo ambiental faz parte, mas se mantém de certa forma, à parte, devido à sua vertente ativista. Assim sendo, o ativismo é o principal diferencial dos profissionais especializados em meio ambiente, intelectuais orgânicos cujo trabalho de levar à ação pessoas, em suas maiorias apáticas, é desafiador. O gigantismo do desafio nos confere a todos, jornalistas ambientais, certo ar quixotesco. Porém há sinais de que os moinhos, afinal não são só de ventos e as mudanças, embora lentas, são possíveis (JONH, 2001, p.89).

Para o jornalista Reges Schwaab, “um dos principais desafios do jornalismo ambiental é não se tornar refém apenas do factual, enfocando unicamente problemas e eventos da área” (2011, p.12). Por isso, é preciso um cuidado especial na linguagem na construção das notícias para veiculação desse tipo de temáticas especializadas.

Alguns pesquisadores também acreditam que, para melhorar a qualidade do jornalismo ambiental, também é preciso pensar no processo educativo dos profissionais, no sentido de que eles possam fazer o papel de educadores, ainda que, necessariamente, os jornalistas precisam capacitar-se. No entanto, há falta de formação específica no campo educacional e, principalmente, no científico. Nota-se que a formação de jornalistas para o mercado de trabalho hoje impõe uma especialização cada vez maior de conhecimentos. Os profissionais terão de mudar o seu próprio estilo de vida no processo de prática do jornalismo ambiental.

Capra (1982) fala da necessidade da formação de mais jornalistas engajados, com capacidade para criar e evoluir, capazes de produzir através do jornalismo contribuições para a consciência crítica da sociedade. Jornalistas que pensem a comunicação como de caráter dialógico, embasada, opinativa e propositiva, na qual o Jornalismo Ambiental surge como especialização a partir do argumento:

Isso significa também que os jornalistas deverão mudar, e seu modo de pensar, fragmentário, deverá tornar-se holístico, desenvolvendo uma nova ética profissional baseada na consciência social e ecológica. Em vez de se concentrar em apresentações sensacionalistas de acontecimentos aberrantes, violentos e destrutivos, repórteres e editores terão de analisar os padrões sociais e culturais complexos que formam o contexto desses acontecimentos, assim como noticiar as atividades pacíficas, construtivas e integrativas que ocorrem na nossa cultura. Prova de que este tipo maduro de jornalismo é socialmente benéfico e pode ser também um bom negócio é o número crescente de veículos alternativos de informação que promovem novos valores e estilos de vida (Capra, 1982, p.400).

Em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, em 2007, o pesquisador Wilson Bueno já tinha uma preocupação de que o jornalismo ambiental teria de passar por mudanças:

O jornalismo ambiental precisa mudar por vários aspectos. Em primeiro lugar, não se pode praticar o jornalismo ambiental sem compromisso, apostando numa pretensa neutralidade, objetividade etc. Em segundo lugar, o jornalismo ambiental não pode focar-se apenas no aspecto técnico, porque o importante se quiser efetivamente trabalhar para a solução dos problemas, é perceber as conexões entre o meio ambiente, a política, a economia, a cultura, a saúde e a sociedade (BUENO, IHU On-Line, 2007).

Outro aspecto importante na questão ambiental é a preocupação com a cidadania e, aliada a isso, a ética – ambas são palavras-chave nos processos –, tanto no da educação como no do jornalismo –, que se caracterizam como uma atividade social. São elas que permeiam o pensamento e o conhecimento e poderão servir para a transformação da realidade na qual estamos imersos. O jornalista Adalberto Marcondes, da Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais (TRIGUEIRO, 2005), faz uma reflexão sobre a cidadania:

os grandes desafios do desenvolvimento passam pelo conhecimento. Ele é fundamental para que os cidadãos possam, em seu cotidiano, tomar decisões de consumo consciente de seus impactos ambientais e sociais. Cada um tem que compreender que é parte de um todo e que qualquer solução deve necessariamente envolver cada indivíduo.

Para muitos autores, o Jornalismo Ambiental dialoga com a educação quando realiza com responsabilidade e ética o trabalho de informar seus receptores, formando opinião pública crítica e a ascensão da cidadania. São notórias as estratégias discursivas pedagógicas presentes nesse jornalismo que ressaltadoeducativo inerente à prática jornalística.

Antônio Fausto Neto (1991, p. 32) afirma que as vozes da pedagogia estão embutidas no discurso jornalístico, “na medida em que os sistemas de comunicação de massa se convertem ou são convertidos em novas janelas de ‘explicação’ escolar e ética dos processos sociais”. Ele ressalta que “o jornalista é aquele que se depara com os mais variados campos de saber e com eles negocia procedimentos de apropriação para, então, construir o discurso”.

O jornalista ao exercer seu papel social vai muito além da informação, ele pode ser também um educador e auxiliar na formação da opinião pública em prol da sobrevivência planetária e um agente da propagação da proteção do meio ambiente, sendo um elo entre sociedade e poderes públicos.

3.1 RADIOJORNALISMO

O rádio ainda pode ser considerado um dos mais importantes meios de comunicação, porque ele foge a todo e qualquer monopólio midiático. Foram muitas as transformações ocorridas no universo desse veículo desde a década de 1930.

O Decreto de número 21.111, datado de 1º de março de 1932, autorizava que 10% da programação das emissoras deveriam ser comerciais, gerando competição entre os cidadãos que possuíam receptores. Na década de 1940, começou a chamada *época de ouro do rádio*, com programação mais popular, que atingia uma maior gama de audiência (WELTER, 2012, p.15).

Gisela Swetlana Ortriwano (2003) enfatiza que o jornalismo esteve presente no rádio desde as primeiras experiências de exploração da radiodifusão. Segundo a pesquisadora, as emissoras, de maneira geral, são inauguradas transmitindo algum evento ou, ao menos, informando sobre sua própria existência. E aí se configura e começa a se moldar o radiojornalismo.

Ortriwano (2003, p.2) enfatiza que o jornalismo cumpre seu papel na inauguração oficial da radiodifusão brasileira. Isso porque, em 7 de setembro de 1922, quando da instituição do rádio, o então presidente Epitácio Pessoa discursou durante a abertura da Exposição Internacional do Rio de Janeiro e suas palavras foram transmitidas através de 80 receptores importados excepcionalmente para a ocasião.

A força e o poder do rádio surpreendem a todo o momento e a informação repercute de forma instantânea de acordo com Porchat (1993, p.35), que acredita que a abrangência do rádio é fundamental nas atividades do jornalismo, principalmente no que se refere a campanhas e prestação de serviços, considerando a capacidade que tem de atingir todas as faixas do público, de mobilizar, unir e politizar os cidadãos.

As informações veiculadas no rádio são de fácil compreensão e de forma geral, aparecem em matérias e notas curtas. Mas a dinamicidade do meio é o que o torna mais atraente aos olhos e ouvidos do público. Em decorrência de todas as suas características, as notícias são recebidas por seus receptores por meio do imediatismo, a instantaneidade, a interatividade e também pela mobilidade que hoje o aparato tecnológico proporciona.

Luiz Beltrão (1969) conceitua notícia como sendo

a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem (BELTRÃO, 1969, p. 82, apud LOPEZ e Mata, 2009, p.3.).

No caso do rádio, o jornalista, ao redigir a notícia, tem que ter em mente que ela deve ser transmitida de forma simples, para que o ouvinte possa compreender independente do seu grau de instrução e escolaridade. Para tanto, em se tratando de temáticas específicas, também devem ter linguagem de fácil assimilação. Se possível, com o auxílio dos gêneros e formatos jornalísticos para que sejam mais interessantes do que as exibidas na televisão.

Porchat (1993, p. 97) lembra que o rádio deve ser dinâmico: “A pessoa não oferece resistência, mas também não se dispõe a prestar atenção. Será preciso vencer o ouvinte através de uma linguagem forte, incisiva, convincente (...)”. No entanto, ela defende que não se deve empobrecer a linguagem e subestimar o ouvinte. Escrever nitidamente é preciso, mas a linguagem não é despida de seus atrativos.

Nilson Lage ao afirmar que não existe radiojornalismo ou telejornalismo e qualquer outro termo que se refira à mesma atividade, apenas sendo diferenciado pelo aparato no qual se insere: “O jornalismo é a atividade e serviço público que se adapta a diferentes meios tecnológicos e convive com os usos econômicos e culturais desses meios”. (LAGE, 2005, p.161). Ele acrescenta que há diferenças importantes dependendo dos mecanismos usados, variando a percepção daquele que lê para o que ouve ou vê. Outro aspecto importante é a definição da pauta, que é um processo de análise e seleção das informações para que sejam transformadas em notícias:

o critério de seleção é o interesse jornalístico, difícil de definir porque varia o fluxo da história e a ideologia, entendida como a maneira como a sociedade ou grupo social representam a realidade para si mesmos (LAGE, 2005, p.162).

Em ‘As notícias e seus efeitos’, Jorge Pedro de Souza (1999) ressalta que o ser humano tende a interessar-se pela informação jornalística que lhe proporciona algum proveito. Portanto, as notícias necessitam seduzir, para, num ambiente concorrencial, funcionarem como mais-valia a um determinado órgão de comunicação social.

3.1.1 RADIOJORNALISMO AMBIENTAL COMO FERRAMENTA PARA A CIDADANIA

Considerando que o jornalismo é uma prestação de serviço visando à divulgação de informações para o bem comum, bem como oferece outras possibilidades à sociedade, por muito tempo se negligenciou o estímulo ao exercício da cidadania, principalmente nos veículos de comunicação de grande circulação, onde não havia prioridade para temas que viessem colaborar na formação, conscientização e o espírito crítico dos indivíduos.

Nas últimas décadas, levando em conta vários aspectos, o jornalismo contemporâneo passou a valorizar notícias de interesse do público e isso se deu a partir do surgimento do jornalismo cívico com o objetivo de intermediar as relações dos indivíduos com o estado democrático. Foi considerado como uma alternativa para reforçar a construção da cidadania, de acordo com um dos seus fundadores, Jay Rosen, pela sua “participação ativa do cidadão, e o exercício ativo dos jornalistas na sociedade - e não meros observadores” (TRAQUINA, 2003, p.180-181).

A cidadania está relacionada diretamente ao processo histórico-social e pode ser compreendida de diversas maneiras. O indivíduo tem o direito de pertencer a uma nação, igualdade perante a lei, como o direito à liberdade de acesso à informação, direito à comunicação etc:

O direito de acesso do cidadão aos meios de comunicação como produtor, emissor e gestor por si só, a nosso ver, caracterizaria o exercício da cidadania em sua dimensão cultural, entretanto, a mídia comunitária, além disso, promove a conscientização da população sobre os seus direitos (PERUZZO, 2002, p.78-9).

O radiojornalismo tem como principal função tornar o jornalismo mais ágil e rápido e nos meios especializados, como as rádios comunitárias e as webrádios, em que as informações são tratadas e apresentadas de forma direcionadas aos ouvintes orientando-os sobre os acontecimentos e, principalmente, com a finalidade de sensibilizá-los para uma reflexão sobre as causas e consequências das questões

apresentadas. Ao mesmo tempo em que podem transparecer serem educativas, elas podem oferecer análise críticas sobre os assuntos.

Como o rádio é um veículo que aproxima as pessoas, a utilização desse espaço e audiência de um radiojornal ambiental torna-se possível à promoção de mudanças e melhoras em questões de educação ambiental, haja vista suas características de comunidade.

O radiojornalismo ambiental para Rúbia Piancastelli (2011) é aquele que traz notícias e reflexões sobre o as relações entre o homem e o meio do qual faz parte, incluindo todos os elementos naturais, formas de vida e recursos, cada qual com suas dinâmicas relacionadas ou não, sendo uma atividade cada vez merecedora de pesquisas e atenção, em prol de constante aperfeiçoamento.

4. EDUCOMUNICAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE

As relações do meio ambiente com alguns campos de saberes interdisciplinares são vinculados e dão sentido à relação dos seres com o planeta. Isso nos certifica de que existem canais apropriados para difusão dessa temática, o que é objeto desta pesquisa.

De acordo com a conceituação de Habermas(2002),

a Educomunicação é um conjunto de ideias ou uma base metodológica voltada à Pedagogia, cuja proposta é a utilização de ferramentas tecnológicas modernas e recursos de comunicação no aprendizado por meio de técnicas midiáticas. Trata-se da educação encontrando a comunicação, fazendo uso de iniciativas multimídia, colaborativos e interdisciplinares.

O autor acrescenta ainda que esse campo nas suas práticas comunicativas atua para formar agentes sociais, sempre visando à garantia da autonomia do sujeito, na educação formal ou informal. Portanto, a atuação na promoção dos processos educativos e de cidadania que ocorrem nas rádios virtuais tem sido de grande significância. A educomunicação é o grande reforço, haja vista a finalidade sua de promover o desenvolvimento do ser humano nas suas habilidades e competências.

Além dessa possibilidade de construção do indivíduo e suas relações, sobretudo com o meio ambiente, ela se apresenta como forma de intervenção social e de práticas a partir desse elo comunicação/educação e, dessa forma, um meio eficaz para ampliar ações voltadas à cidadania.

Os mesmos instrumentos da comunicação podem ser empregados contribuindo para uma releitura da educação tradicional. Para tanto, em seu artigo Educomunicação: um caminho para o jornalismo ambiental, Piancastelli(2011) reconhece que “o campo da comunicação, na sua definição sistêmica e interdisciplinar, é considerado como favorável para a aplicação e agrupamento dos princípios educacionais”.

Partindo desse pressuposto básico do exercício do direito de todos à expressão e à comunicação, de forma libertadora, a educomunicação tem como meta construir a cidadania. De acordo com o educador Paulo Freire (1993), a comunicação voltou-se para a educação pretendendo ser um espaço de relações sociais, a fim de se trabalhar os aspectos cognitivos, críticos e comportamentais do público, prevalecendo, assim, uma postura formativa e libertadora.

Quanto maiores os níveis de participação dos indivíduos numa sociedade, maiores também serão os processos educativos e a promoção da cidadania. Como argumenta Paiva (2003, p.147), “para ser comunitária é preciso que seja gestão permanente da comunidade. Para ser educativa não basta transmitir aulas e cursos, é preciso uma visão do processo educativo junto com a ética e com as mudanças sociais”. Essa concepção vem ao encontro da conceituação de Schaun (2002, p. 15) de que a educomunicação

busca ressignificar os movimentos educativos inspirados na linguagem do mercado da produção de bens culturais, mas que vão se resolver no âmbito da educação como uma das formas de reprodução de organização de poder da comunidade, como um lugar de cidadania.

É possível admitir que nenhum indivíduo nasça já com o conceito da questão ambiental construído dentro de si. Essa construção social passou a ser explorada nas últimas décadas

por um processo de partilhamento: é na interseção e no diálogo entre a pesquisa científica, o saber popular, a atuação de organizações da sociedade, a recente inclusão do setor empresarial ecologicamente responsável, os espaços educativos e a comunicação midiática ².

A partir disso, a sociedade passou a ter acesso a esse saber e perceber a relação entre a vida de todos e a vida do planeta. Cada cidadão constrói esse conceito dentro de si e passa a entender as relações entre outros seres e que suas ações interferem no ambiente em que vivem. Cada pessoa exerce seu direito de se expressar e comunicar diante dos outros.

O autor José de Ávila Coimbra (1985), na sua visão sobre o meio ambiente, ressalta que os setores sociais, ao se apropriarem de um *novo discurso* experimentam, na verdade, outra *forma de convivência social*, pautada, antes de tudo, no conceito do respeito entre si e cada um dos participantes, em que os pensamentos podem ser individuais, mas as ações devem ser coletivas. Ele conceitua o meio ambiente, como:

²Artigo: Educomunicação Ambiental. <https://educambiental.wordpress.com>. Por Grácia Lopes Lima e Teresa Melo

O conjunto dos elementos físico-químicos, ecossistemas naturais e sociais em que se insere o Homem, individual e socialmente, num processo de interação que atenda ao desenvolvimento das atividades humanas, a preservação dos recursos naturais e das características essenciais do entorno, dentro de padrões de qualidade definidos (COIMBRA, 1985, p.28).

Nos meios de informação, a educomunicação praticada nas rádios populares vai ao encontro do que afirmou Paulo Freire (1983) “como um mecanismo genuíno de viabilização dos diálogos por sua aproximação com a palavra, a oralidade que une os homens”. Para tanto, Mário Kaplún (1998) desenvolveu as metodologias aplicadas às rádios, que tem sido utilizadas em inúmeras experiências pelos meios de comunicação alternativos e por várias instâncias sociais, promovendo verdadeiros diálogos na educação dos cidadãos.

Segundo Kaplún, “as principais características da comunicação democrática, promovida pelo rádio são o diálogo, a comunidade, o processo horizontal e de suas vias, a participação e o serviço à maioria” (KAPLUN, 1998, p.54).

Programas jornalísticos e educativo-culturais veiculados numa webrádio, como ferramenta educativa, podem se valer da educomunicação para elaborar, desde pautas diferenciadas e participativas, até estabelecer objetivos concretos e uma linha editorial de caráter cidadã. Hoje, com o advento da internet, os ouvintes têm a oportunidade de participar emitindo suas opiniões e mantendo diálogos entre outros indivíduos como formas de interação e troca de conhecimentos.

Como afirma Soares (2011)³, no mundo contemporâneo, marcado pelo apelo informativo imediato, a reflexão sobre as linguagens e seus sistemas, articulados por múltiplos códigos, e sobre os processos e procedimentos comunicativos, é mais que uma necessidade, é uma garantia de participação ativa na vida social a cidadania desejada.

Olhando sob a ótica jornalística, a afirmação do autor reitera a necessidade de adentrar no conhecimento do próprio campo e, sobretudo, na responsabilidade dos processos e produtos. Afinal, estão envolvidos nesse mundo da comunicação

³ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Escola de Comunicação e Artes, ECA/USP, NCE**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

muitos sujeitos, costumes, padrões, produções, que só coexistem caso haja uma finalidade de bem comum.

Diante dessa importante contextualização e compreendendo que a educomunicação consiste na união dos campos da comunicação e educação como meio de viabilizar o acesso de práticas participativas e sociais e de promover a cidadania, valemo-nos dessas premissas para elaborar o programa de radiojornalístico, no sentido de torná-lo mais criativo em termos de abordagem e com interatividade para o público direcionado.

O autor Belloni (2001) destaca os papéis e funções da educomunicação no que se refere à sua relação com a imprensa, na divulgação do produto ou serviço, bem como na organização de eventos. Isso ocorre também no sentido vice-versa, quando se trata de assuntos que se referem, por exemplo, à edição de artigos, boletins, jornais e revistas educativas (SOARES, 2000).

Há uma estreita relação do radiojornalismo com a educomunicação e o meio ambiente, pois eles estão sempre dialogando. Para tanto, o radiojornalismo ambiental, enquanto importante ferramenta para cidadania exerce sua função educativa/orientadora com contribuições valiosas e auxiliando emissoras e profissionais a desenvolverem práticas educacionais em prol da prática da sustentabilidade.

5. OS IMPACTOS AMBIENTAIS CAUSADOS PELO LIXO E AS SOLUÇÕES PARA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Considerado atualmente como um dos problemas mais graves da população urbana, principalmente nas cidades grandes, o lixo se refere aquilo que não presta mais e é descartado pelo homem na natureza. Todas as consequências e impactos afetam as pessoas e o meio ambiente como um todo. Conceituado pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT),

como restos da atividade humana, considerados pelos grandes geradores como inúteis, indesejáveis ou descartáveis, podendo-se apresentar no estado sólido, semi-sólido (com teor de umidade inferior a 85%) ou líquido”. (NBR 10004/1987)

Conforme estimativas do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente-PNUMA (2010), a produção de lixo no mundo até 2030, deverá crescer de 1,3 bilhão de toneladas para 2,2 bilhões, ou seja, terá um aumento de 70%, gerando muitas consequências por gestão incorreta dos resíduos e isso poderá ter muito mais danos ao meio ambiente. Os países menos desenvolvidos são os mais afetados. No entanto, nos países ricos, o volume de resíduos inorgânicos é maior do que a de orgânicos, pelo maior consumo dos enlatados. Cada habitante americano produz por dia 2,25 kg de lixo.

No Brasil, os dados são da última análise feita pela Associação Brasileira das Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe, 2014), onde a produção de resíduos por pessoa é aproximado aos países desenvolvidos e aumentou cinco vezes mais que a população brasileira entre os anos de 2010 a 2014. Cerca de um kilo e meio de lixo é a média que cada habitante produz por dia, totalizando aproximadamente 383 kg por ano.

De acordo com a Abrelpe, sobre o Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil, “das 64 milhões de toneladas de resíduos gerados, 24 milhões seguiram para destinos inadequados, os lixões, sendo que 6,2 milhões de toneladas sequer foram coletadas” (2014).

Conforme consta ainda no relatório, a região Nordeste se destaca pela maior quantidade de resíduos no maior número absoluto de municípios que continuam depositando os dejetos nos lixões ou em aterros controlados e isso evidenciana realidade que mesmo com a aplicação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), a

situação não avançou muito. Entre os anos de 2013 para 2014, reduziu apenas 1%, ou seja, de 41,7% para 41,6%. Desde a promulgação da PNRS estava estimado que no prazo de cinco anos houvesse a substituição gradativa dos lixões, áreas onde os resíduos são descartados a céu aberto, por aterros sanitários. No entanto, a pesquisa foi aplicada em 400 municípios de todas as regiões do país, e foram constatadas que aproximadamente de 1.559 cidades brasileiras ainda não possuem aterros sanitários.

Em João Pessoa, a substituição ao lixão que existia em plena Capital, localizado no bairro do Róger há mais de quatro décadas, ocorreu no ano de 2003, com o primeiro aterro sanitário da Paraíba, localizado no Distrito Industrial da Capital, a cinco quilômetros da BR- 101. Administrado pela Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana, em parceria com a empresa terceirizada Rumos, o aterro metropolitano tem área para comportar 29 células, para receber lixo de acordo com sua origem (doméstico, industrial e hospitalar), unidades de triagem e de compostagem e um incinerador para lixo industrial e hospitalar. Todo esse sistema com a finalidade de diminuir o impacto ambiental que a sociedade gera com a produção de milhares de toneladas de lixo, com uma duração de tempo prevista de 25 anos.

De acordo com dados do Plano municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos de João Pessoa (2014), deram entrada no ano de 2013 no aterro sanitário aproximadamente 93.016,14 toneladas de lixo de residências, ruas, terrenos, mercados públicos, feiras livres e cemitérios sólidos oriundos dos municípios de Santa Rita, Bayeux, Cabedelo, Lucena, Conde, Cruz do Espírito Santo e de João Pessoa, incluindo empresas, indústrias e órgãos públicos, sendo que a cidade de João Pessoa mantém a liderança na geração dos resíduos.

Conforme pesquisa da Abrelpe, o lixo gerado (toneladas/dia) em média na Paraíba é de: 3.405 lixo coletado (t/dia): 2.754 Destinação final adequada (t/dia): 852 Coleta per capita (Kg/hab/dia): 0,956, conforme gráfico ilustrativo abaixo:

Destinação Final de RSU no Estado da Paraíba (t/dia)



Fonte: Pesquisa ABRELPE

Apesar do Brasil já possuir leis bem elaboradas sobre resíduos, a exemplo da Lei 12.305/2010, que trata da Política Nacional de Resíduos Sólidos, onde estabelece as normas para a destinação dos resíduos sólidos, no sentido de impedir dano ao meio ambiente, como a contaminação do lençol freático, chamando a responsabilidade dos governos e da sociedade. No entanto, uma parcela enorme da população além de desconhecer essa lei, ainda sofre com serviços precários, principalmente no que se referem às políticas de saúde pública, como os serviços de saneamento básico, entre outros.

Fatores como esses têm levado tanto os poderes públicos como organizações sociais, universidades e também a sociedade a encontrarem soluções e alternativas que garantam a sustentabilidade do ecossistema ameaçado por tantas devastações provocadas pelo homem, bem como os impactos ambientais ocasionados pelo acúmulo do lixo.

Entre alternativas e ações efetivas pesquisadas, entre elas está o processo de aproveitamento energético através do biogás, como uma forma de diminuir os impactos existentes nos lixões (MOURA 2013). Trata-se de uma forma de reduzir a emissão de gases intensificadores do efeito estufa. Isso vem de encontro a outras práticas de reciclagem e reaproveitamento e transformação dos resíduos que são ações efetivas em prol do meio ambiente e que ao mesmo tempo se associam aos aspectos sócio econômicos e de desenvolvimento sustentável.

Por conta da variedade, procedências e diferentes materiais, são classificados tipos de lixo para o destino correto e descarte de cada um, a exemplo de:

Lixo domiciliar: Oriundo de residências, essencialmente composto por matéria orgânica e materiais recicláveis;

Lixo público: Éaqueleproduzido e recolhido das ruas;

Lixo eletrônico: contém substâncias tóxicas como: pilhas, baterias, aparelhos elétricos e eletrônicos, entre outros;

Lixo hospitalar: Proveniente de serviços hospitalares e similares, potencialmente perigoso que traz riscos a saúde.

Lixo industrial: Produzido em fábricas e indústrias, principalmente as de grande porte;

Lixo radioativo: gerado de materiais utilizados em exames médicos em clínicas e hospitais e outros materiais tóxicos, que não pode ser misturado aos demais lixos e representa um grande perigo ao ambiente.

Entre esses tipos de lixo, um dos mais nocivo e prejudicial ao ambiente e ao homem atualmente é o lixo eletrônico e já é considerado grande problema no mundo e principalmente nos países em desenvolvimento. De acordo com dados da cartilha de Lixo Eletrônico do Instituto Claro, o Brasil atualmente é o maior produtor de lixo eletrônico entre os países emergentes. Designado lixo tecnológico ou eletrônico possui componentes tóxicos que quando descartados inadequadamente podem contaminar o solo e a água, causando danos à saúde das pessoas.

O perigo do lixo eletrônico deriva de ingredientes como chumbo, mercúrio, arsênico, cádmio, bário, cromo, níquel, zinco, etc. Muitos desses elementos são usados em placas de circuito e fazem parte de componentes elétricos como chips de computador, monitores, fiação, etc. Além disso, muitos produtos elétricos incluem produtos químicos para retardar chamas e que podem representar perigo para a saúde (Instituto Claro).

De acordo com as normas da Política Nacional de Resíduos Sólidos, aprovada em 2010, um das saídas para o lixo eletrônico é a chamada ‘logística reversa’, “que estabelece que seja feito o retorno dos resíduos a quem os produziu para que sejam tratados ou reaproveitados em novos produtos”.

A PNRS estabelece que, “os envolvidos na cadeia de comercialização dos produtos, desde a indústria até as lojas, deverão estabelecer um consenso sobre as responsabilidades de cada um” (2010). Com essas medidas, conseqüentemente são diminuídos os descartes dos eletro-eletrônicos no meio ambiente. No Brasil tem muitos municípios brasileiros que não tem lugares apropriados para o recolhimento do lixo eletrônico, pois não há um sistema organizado para coleta desse tipo de lixo.

Uma das soluções encontradas para diminuir os impactos ambientais causados pelo lixo de forma geral tem sido a reciclagem onde é possível preservar os recursos naturais e evitar o depósito irresponsável de materiais nocivos ou de difícil

decomposição no meio ambiente, haja vista o tempo de durabilidade de cada tipo de resíduo, entre outros fatores negativos. Isso é possível através da prática da coleta seletiva onde é praticada a separação dos materiais descartados.

De acordo com a lei dos Resíduos Sólidos (PNRS), a coleta seletiva é considerada elemento indispensável para viabilizar a recuperação dos materiais descartados e seu posterior encaminhamento para processos de reciclagem e aproveitamento. Ela acontece com a separação prévia de acordo com o tipo, a constituição e a composição dos resíduos sólidos, devendo ser implantada por todos os municípios brasileiros.

Com a implantação da coleta seletiva é diminuído o volume de lixo que iria parar nos lixões e aterros, onde os materiais expostos a céu aberto contaminam o ar, a água e o solo, além de ser uma excelente fonte geradora de renda para milhares de pessoas, contribuindo para a preservação do meio ambiente e para a prática da sustentabilidade. (PLANO NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS, 2011)

No entanto, esta realidade ainda não é comum na maioria das pequenas cidades brasileiras. Na maioria das vezes, o lixo é depositado em locais impróprios, como terrenos baldios, córregos ou beira das estradas. Não há educação dos habitantes em selecionar e classificar seu lixo.

Nesse sentido, a coleta seletiva no Brasil não avançou muito, segundo relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). De acordo com o referido documento, “o país perde R\$ 8 bilhões por ano quando deixa de aproveitar tudo o que poderia ser reciclado e acaba encaminhado para lixões. Considera-se que, a atividade gere apenas entre R\$ 1,4 bilhão e R\$ 3,3 bilhões anuais”.

Esses dados também são comprovados no Panorama dos Resíduos Sólidos do Brasil, publicado pela Abrelpe conforme mapa abaixo onde essa realidade traz prejuízos e mostra atrasos em todos os municípios brasileiros, pois “o sistema adotado é economicamente ineficiente e desperdiça o potencial de recursos materiais e energéticos presentes nos resíduos descartados”.(2013)

Como anda a coleta seletiva

A maioria dos municípios brasileiros já iniciou alguma ação de coleta seletiva, mas com poucos resultados práticos



Fonte: Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2013, Abrelpe

A coleta seletiva no município de João Pessoa, conforme dados do Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos-PMGIRS (2014), foi iniciada no ano de 2000 abrangendo os bairros de Tambaú, Cabo Branco, Miramar e parte de Manaíra, onde a Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana- Emlur implantou um projeto piloto para iniciar o recolhimento porta a porta dos resíduos possíveis de reciclagem como plástico, metal, papel, papelão e vidro, a fim de que esses resíduos começassem a ser valorizados no município e para que o volume a ser destinado ao antigo lixão, na época, fosse reduzido. O referido modelo foi adotado no município seguiu o modelo adotado em Belo Horizonte e teve de ser adequado às realidades da capital paraibana, servindo de base para as decisões não só no aspecto socioambiental, mas também no tecnológico, qualificação dos recursos humanos, cidadania e participação popular.

Posteriormente até o final de 2004 foram implantados outros programas de coleta seletiva a exemplo do Acordo Verde onde obteve uma maior abrangência quanto ao recolhimento, pois passou a abranger outros bairros da Capital como os bairros Jardim São Paulo, Anatolia, Bancários, Jardim Cidade Universitária e Mangabeira, incluindo o material reciclável da Universidade Federal da Paraíba. Essa associação é composta de 25 catadores e recolhem em média 32 toneladas de material reciclável por mês.

Conforme os dados do PMGIRS (2014) existem no município cerca de sete núcleos de coleta seletiva que reúnem 20 bairros sendo estes núcleos distribuídos no

Aterro Sanitário, Bessa, 13 de maio, Cabo Branco, Mangabeira, Jardim Cidade Universitária e Roger. Isso significa que apenas 1, 5% da cidade têm cobertura da coleta seletiva e que atinge 30% da população total de quase um milhão de habitantes, o que é praticamente insignificante e, portanto, pode se observar que há uma fragilidade no sistema de coleta seletiva da Capital principalmente pela falta de uma mobilização comunitária e divulgação de ações, políticas públicas dos órgãos públicos responsáveis a fim de que seja incentivada a participação da população, tendo em vista que o sucesso dos programas é dado.

Na Paraíba, um município paraibano que realiza a coleta seletiva e tem se destacado na gestão de resíduos sólidos chama-se Bonito de Santa Fé, a 480 quilômetros de João Pessoa. A cidade, de 10 mil habitantes, implantou um projeto para catadores de materiais recicláveis que está entre os melhores do país. No ano de 2013, foi vencedora do Prêmio Cidade Pró-Catador, promovido pela Secretaria-Geral da Presidência da República. Com apoio do Governo do Estado, além de elaborar e aprovar o Plano Municipal de Resíduos Sólidos instalou um aterro sanitário recebendo resíduos das cidades vizinhas, implantou uma iniciativa de inclusão social dos catadores com assessoria da Universidade Federal da Paraíba com os trabalhos de qualificação e a capacitação dos trabalhadores, em sua maioria mulheres. O ápice do projeto foi à mobilização de educação ambiental com a população de aproximadamente 12 mil habitantes onde passou fazer a separação dos resíduos secos dos molhados e atualmente são reciclados 18 toneladas de lixo por mês, com receita de R\$ 6 mil, dividida entre as cerca de 50 famílias envolvidas.

Conforme esse exemplo, outras cidades que possuem o mesmo perfil socioeconômico podem implantar na perspectiva de um funcionamento eficiente do sistema de coleta e separação do lixo. Nesse sentido devem contar com o incentivo do poder público que ofereça as condições necessárias no sentido de sensibilizar os habitantes a consumir e descartar os resíduos de forma adequada, e praticar a sustentabilidade para minimizar a degradação da natureza. As políticas públicas devem ser implantadas pelos órgãos públicos, a exemplo da implantação de um plano de resíduos sólidos e do sistema da coleta seletiva eficaz e eficiente.

Muitas ações são alcançadas por meio da educação ambiental através de campanhas de mobilização estimulando novos hábitos e mudanças de comportamento das pessoas que passam a refletir sobre o seu papel enquanto sujeitos na sociedade e a responsabilidade com o meio ambiente e com as gerações futuras.

Para contribuir para um processo educativo e na mudança de hábitos no cotidiano dos cidadãos foram criados os R's da sustentabilidade com a finalidade de levar as pessoas a repensar suas práticas e atitudes, reduzindo os vícios de consumo exagerado e diminuir a produção de resíduos e o desperdício de materiais visando a preservação ambiental. Essa política consta na Agenda 21, documento elaborado na Eco 92(Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento), realizada no Rio de Janeiro em 1992, onde foram instituídos os 3 R's (reduzir, reciclar e reutilizar).

Segundo Ministério do Meio Ambiente (2013), um caminho para a solução de inúmeros problemas relacionados com o lixo foi sem dúvidas esse apontado pelo princípio dos 3R's. Posteriormente com a realização da Conferência Rio+20, que aconteceu em 2012, também no Rio de Janeiro foram ampliados os conceitos e com o avanço das discussões foram sendo incluídas novas possibilidades de atitudes sustentáveis, totalizando em 7Rs. Sendo: Reduzir, Reutilizar, reaproveitar, reciclar, reutilizar, repensar, recusar e recuperar. Entre as práticas dessas ações:

1-Reduzir: Quando se evita adquirir produtos desnecessários, conseqüentemente, se reduz a quantidade de lixo que é produzido.

2- Reutilizar: Embalagens tanto de produtos como materiais depois do uso podem ser reutilizadas para outras funcionalidades.

3- Reaproveitar: Roupas, sapatos, acessórios e materiais diversos em bom estado, podem ser reaproveitados para que não sejam enviados para o lixo.

4- Reciclar: Transformar o resíduo antes inútil em matérias-primas ou novos produtos, é um benefício tanto para o aspecto ambiental como energético.

5- Repensar: Pensar em algumas questões relacionadas ao consumo, se realmente é preciso possuir ou adquirir determinados produtos que se compra.

6- Recusar: É possível recusar produtos que agredem o meio ambiente.

7- Recuperar: O que é danificado muitas vezes é possível recuperar.

Fonte: <https://sites.google.com/site/reambientar/Home/os-7-r-s-do-meio-ambiente>

São ações de conscientização como essas dos 7r's, quando absorvidas pelas pessoas, automaticamente são reduzidos os consumos, os materiais passam a ser reciclados e reutilizados no seu dia a dia, e, deste modo, um exercício da cidadania. No entanto, esse processo ocorre a partir do esforço individual de cada indivíduo e

posteriormente em conjunto ou comunidade, onde todos os cidadãos pratiquem e isso se torne contínuo.

Especificamente em relação ao lixo, a prática da sustentabilidade se dá pelo processo de educação e conscientização de cada cidadão, pois do mesmo modo que de forma irresponsável se causa danos ao meio ambiente, pela destinação incorreta dos materiais, por outro lado existe a responsabilidade pela preservação da natureza com a destinação adequada do lixo produzido. Essa conscientização só ocorre a partir nas mudanças dos hábitos diários e dos costumes em relação ao consumo para uma vida mais sustentável e isso conseqüentemente irá refletir nas gerações futuras.

6. DIVULGAÇÃO AMBIENTAL NA WEB RÁDIO PORTO DO CAPIM

A história do rádio é marcada por dois momentos fundamentais. Primeiramente, pelo surgimento da televisão, na década de 1950 e, posteriormente, pelo uso da internet, desde que passou a oferecer programações de forma on-line, como um único produto midiático (PRATA, 2008), podendo ser acessado simultaneamente no aparelho de rádio e no computador. A partir desses fatores, muito se especulou que ambos (a televisão e a internet) viriam extinguir o rádio, no entanto, especificamente, a web veio contribuir, de uma forma significativa, para uma nova era, regida pela digitalização. De acordo com a autora, ela surgiu acompanhada de

uma nova linguagem, novos signos textuais e imagéticos, novo suporte, novas formas de interação e a presença de gêneros reconfigurados, alguns do velho modo hertziano e outros novos nascidos das modernas tecnologias (PRATA, 2008).

A partir daí foram surgindo modelos variados de radiofonia: algumas emissoras passaram a fazer suas transmissões analógicas através de irradiação e modulação de ondas eletromagnéticas, mais conhecidas como rádios hertzianas; outras, pelo viés da tecnologia hertziana com transmissão digital, e aquelas com existência exclusiva na internet, as webrádios que são de fácil operacionalização e manuseio. Hoje, desde o seu surgimento em 1998, já existem milhares delas existentes na rede oriundas de vários setores sociais, como também nas universidades.

Pinho (2003) afirma que o rádio na internet é uma das marcas da era da informação e de uma sociedade em rede que está, definitivamente, inserida na vida das pessoas, uma vez que a internet é uma ferramenta distinta dos meios de comunicação de massa. Uma das características marcantes que o autor destaca é a instantaneidade que as informações chegam aos lugares quando veiculadas no momento em que acontecem em tempo real, tanto no rádio como na tevê, mas pode ser arquivada, e ser acessada em qualquer hora. É importante destacar que a webrádio pode ser acessada, ao mesmo tempo, por uma massa incontável de usuários, ou seja, por acessos simultâneos.

Ferraretto (2010) também considera que a internet beneficiou o rádio de formas distintas: e uma delas que deve ser apontada é a interatividade, que possibilita que os ouvintes tenham acesso de forma participativa, por telefone, carta, email, chat ou através das redes sociais.

Cada vez mais aumenta o número de pessoas que acessam a internet no Brasil. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad, 2016) cerca de 95,4 milhões de brasileiros, com 10 anos de idade ou mais, acessaram a internet por meio de microcomputador em 2015. Embora não haja dados sobre a audiência de rádiowebs, pela infinidade delas existentes, isso revela o quanto contribui para difundir informações, ambientais, científicas ou não.

Considerada como uma nova modelização da linguagem do jornalismo, o rádio multimídia (rádio na Internet), recorre, então, a vários recursos tecnológicos que são reunidos em textos verbais (escrito) e visuais, somando-se à voz, à oralidade, aos efeitos sonoros e à música. Levando em conta que na organização dos textos, a webrádios e vale ainda de legendas, fotos, infografias e arquivos sonoros, signos das mais diferentes naturezas.

Levando-se em consideração que programas educativos fazem parte da história da radiodifusão brasileira desde sua fundação, nas primeiras emissoras, na década de 1970. Com o passar dos tempos, nos últimos 20 anos, surgiram vários tipos de projetos no rádio, com a finalidade educativa – formal e informal. E, desde então, não cessa, ao contrário, se reinventa, tentando equacionar de forma prática o rádio com a educação, isso tanto em emissoras comerciais ou em rádios digitais. E em ambas as vertentes, há dois aspectos que se devem levar em consideração para a concepção de programas de rádio educativo: a pedagógica e a midiática.

Em linhas gerais, é perceptível que as emissoras educativas e comunitárias procuram elaborar programação em oposição à programação das rádios comerciais: veiculando músicas com menor apelo de massa, entre outros elementos, que contribuam para uma cobertura jornalística mais explicativa do que puramente factual; ou produzindo programas para atingir públicos específicos ou de interesse social.

Devido à globalização, estamos vivendo tempos em que não se pode ausentar-se da discussão ambiental. Considerando-se a afirmação de Bueno (2007), as fontes, na comunicação ambiental, “somos todos nós, mas para que isso aconteça é preciso que se compartilhem experiências e conhecimentos”. Ele acrescenta que um espaço importante de compartilhamento dessas informações tem sido virtualmente, por meio da internet. Nesse sentido, podemos enxergar a webrádio como uma forma de difundir e democratizar o conhecimento e o uso potencial das ferramentas de comunicação e informação em prol de um ambiente mais sustentável.

De acordo com Nair Prata, esse novo rádio que se desenha na web nos permite afirmar o aparecimento de um novo modelo de radiofonia:

Uma webrádio pode ser configurada como uma constelação de gêneros abrigados num mesmo suporte, a internet, em constantes mutações e recombinações, com propósitos comunicativos compartilhados por um mesmo grupo e variáveis de acordo com as transformações ditadas pelas modernas tecnologias digitais (PRATA, 2008).

A webrádio Porto do Capim, em João Pessoa, surge na perspectiva de ser um meio global e democrático de comunicação e foi idealizada visando abarcar o debate nos mais diversos âmbitos sociais, colaborando para a proteção, manutenção e para a melhoria do meio ambiente e, sobretudo, na difusão de adoção de práticas educativas. Alcança, atualmente, ao mesmo tempo, públicos diferentes, na medida em que oferece para os ouvintes conteúdos informativos, educativos e culturais por meio de sua grade de programação diária.

O processo de produção da programação da webrádio Porto do Capim tem possibilitado aos alunos do curso de Radialismo da UFPB, exercer diariamente a complexa divisão de funções, tarefas e responsabilidades necessárias para manter a ferramenta ativa. Tem, sobretudo, enriquecido cada um deles no âmbito da experiência do trabalho coletivo, aprimorando seu convívio profissional e social. A produção da programação atual da webrádio Porto do Capim envolve aproximadamente 50 alunos de rádio, provenientes dos períodos de estágio supervisionado do curso.

A rádio Porto do Capim tem uma *homepage* na internet por meio da qual podem ser acessados os conteúdos de todos os programas da emissora e tem também um papel como agência de notícias. O diferencial é que todos os programas da sua grade fixa se encontram disponíveis em formato mp3, para serem ouvidos em qualquer aparelho eletrônico pelos usuários conectados, a qualquer hora.

A referida emissora trabalha como uma fonte contínua de estímulo, tanto para os alunos que acabam de ingressar na universidade, como para os que já estão produzindo, por oferecer ferramentas técnicas para um aprendizado ao mercado de trabalho, além do que é aplicado em sala de aula. Nesse sentido, é uma estratégia de ensino-aprendizado que desperta interesse dos alunos pelo rádio como meio de criação jornalística e artística, desde o início do curso, do ambiente profissional e das ferramentas de produção radiofônica.

A veiculação do programa Espaço Ambiental pela webrádio Porto do Capim se dá pela relevância dessa plataforma de informação, como um instrumento divulgador bem mais ativo que os meios convencionais. É uma oportunidade ímpar para seus ouvintes/usuários, que terão, em tempo real, maior fluidez e alcance, acesso a um radiojornal específico com divulgação do meio ambiente, temática de interesse de todos. Ele será contínuo com a participação dos alunos do curso de graduação de rádio etevê da UFPB e já está inserido na programação da webrádio Porto do Capim através do sítio www.portodocapim.com.br.

6.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Com o nome Espaço Ambiental, o programa de radiojornalismo foi concebido com a finalidade de levar ao conhecimento dos ouvintes o que acontece com o meio ambiente, explorando aspectos do lixo no município de João Pessoa, apresentando soluções e possibilidades de aproveitamento dos resíduos, incentivando uma conscientização ambiental. Esse instrumento de informação tem como alcance a capital de João Pessoa, todo Estado da Paraíba, o Brasil e o planeta, por tratar de questões de interesse amplo e global e será semanalmente transmitido pela webrádio Porto do Capim.

A preocupação com o meio ambiente (TRIGUEIRO, 2012) tornou-se uma necessidade mundial. A prática de ações e o uso adequado de instrumentos que minimizem os impactos dos recursos naturais fazem-se urgentes. Foi refletindo sobre essa situação que surgiu a ideia de elaborar o pré-projeto apresentado para submissão do exame de seleção do Mestrado em Jornalismo Profissional, com temática ambiental cuja abordagem é o lixo na cidade de João Pessoa.

A princípio, a proposta inicial foi de produzir um blog sobre lixo eletrônico, haja vista ser um resíduo de alto risco para o meio ambiente e saúde. No entanto, ao longo do curso, ao situar o lixo como um dos grandes problemas da contemporaneidade foi pensado numa divulgação abrangente que pudesse ser mais acessível à maioria da população, uma vez que se tratasse assunto de interesse de todos os cidadãos.

O volume acentuado, a cada dia, de resíduos sólidos, é considerado pelos órgãos ambientais uma questão não só ambiental, mas de saúde pública e prejudicial para o planeta. A melhor forma de se chegar a uma conscientização coletiva é utilizar-se de informação. A comunicação e o jornalismo em si podem contribuir bastante para a mudança de atitude das pessoas.

Trigueiro (2008, p. 14) afirma que por meio da mídia é possível fomentar novas atitudes em favor de um mundo melhor e mais justo, um mundo sustentável. “Entendo esta como uma das atribuições do moderno jornalismo no terceiro milênio”. Ele destaca ainda o rádio como um veículo apaixonante e resistente a todas as inovações tecnológicas na área da comunicação, como apropriado para a divulgação do meio ambiente.

Para tanto, optou-se pela divulgação no rádio por ser o veículo de maior penetração nos lares brasileiros e pela velocidade de veiculação que, hoje, apresenta o

uso de novas ferramentas e tecnologias de interatividade, como a internet, e o novo formato, a webrádio. Dessa forma, a escolha de um programa radiofônico foi motivada por esses aspectos e, principalmente, pela instantaneidade da internet (PRATA, 2008), que dá oportunidade das emissoras de rádio ofertar transmissão on-line às suas programações: “um único produto midiático, podendo ser acessado simultaneamente no aparelho de rádio e no computador”.

Divulgar informações sobre meio ambiente pelo rádio foi e continua sendo uma alternativa viável que vem sendo implantada por instituições e organizações para interação com seus públicos de interesse. Silva (2011) ressalta que, na sociedade moderna, as questões relativas à sustentabilidade e cuidados com o meio ambiente estão a todo vapor e que utilizar o rádio como propagador de ações de responsabilidade socioambiental pode ser uma ferramenta muito útil nas estratégias comunicacionais, sob vários pontos de vista.

A webrádio, como ferramenta da era da informação e da mobilidade, segundo Prata (2008) já nasceu quebrando paradigmas, como um canal disseminador de conhecimento. Decorrente disso, para a veiculação do programa foi escolhida a rádio Porto do Capim, sediada em João Pessoa-PB, desde 2014, e que, a cada dia, vem ampliando seu raio de atuação, como melhor veículo para a divulgação da temática ambiental e por possuir na grade de programação conteúdos que dialogam com todos os públicos, privilegiando, de maneira especial, as demandas socioculturais e ambientais da sociedade.

A webrádio Porto do Capim nasceu a partir de um projeto de mestrado em Jornalismo pela UFPB/CCTA, da jornalista Edileide Vilaça, como a primeira webrádio acadêmica/universitária da Paraíba, dentro de uma perspectiva comunitária. E encontra-se ativa em sua funcionalidade com uma significativa grade de programação durante todos os dias, ininterrupta. Isso se efetiva pelo envolvimento dos alunos de graduação do curso de Rádio e TV/UFPB, por meio da disciplina de Estágio Supervisionado II, que são os responsáveis pela elaboração de programas experimentais que compõem a respectiva programação, desde 2015.

Grade de Programação da webrádio Porto do Capim:

		DOMINGO Manhã Musical 05h00 Criança Feliz 09h00 Agenda Cultural 09h50 Samba da Parahyba 10h00 A tarde é Nossa 12h00 Agenda Cultural 15h50 Porto 80 16h00 Agenda Cultural 16h50 Agenda Cultural 17h50 A Hora da Ave Maria 18h00 Domingo Romântico 18h05 É da Parahyba 19h00 Cantoras do Mundo 20h00 Músicas Diversas 21h00 Nas Madrugadas 23h59		SEGUNDA-Feira Forró da Parahyba 05h00 Manhã Musical 06h00 Notícias Acadêmicas 10h50 Espaço Inclusivo 11h00 A tarde é Nossa 12h00 Forró da Parahyba 17h00 A Hora da Ave Maria 18h00 Músicas Diversas 18h05 Notícias Acadêmicas 18h50 É da Parahyba 19h00 Negrícia 20h00 Músicas Diversas 21h00 Nas Madrugadas 23h59		TERÇA-Feira Forró da Parahyba 05h00 Manhã Musical 06h00 Notícias Acadêmicas 10h50 A tarde é Nossa 12h00 Espaço Ambiental 16h00 Forró da Parahyba 17h00 A Hora da Ave Maria 18h00 Músicas Diversas 18h05 Notícias Acadêmicas 18h50 É da Parahyba 19h00 Essência de Mulher 20h00 Músicas Diversas 20h30 Nas Madrugadas 23h59	
QUARTA-Feira Forró da Parahyba 05h00 Manhã Musical 06h00 Notícias Acadêmicas 10h50 A tarde é Nossa 12h00 Vrãa (reprise) 15h00 Toca Cultural 16h00 Forró da Parahyba 17h00 A Hora da Ave Maria 18h00 Músicas Diversas 18h05 Notícias Acadêmicas 18h50 É da Parahyba 19h00 Músicas Diversas 20h00 Nas Madrugadas 23h59		QUINTA-Feira Forró da Parahyba 05h00 Manhã Musical 06h00 Notícias Acadêmicas 10h50 A tarde é Nossa 12h00 Forró da Parahyba 17h00 A Hora da Ave Maria 18h00 Músicas Diversas 18h05 Notícias Acadêmicas 18h50 É da Parahyba 19h00 Som do Porto 20h00 Cantoras do Mundo 20h30 Músicas Diversas 21h00 Nas Madrugadas 23h59		SEXTA-Feira Forró da Parahyba 05h00 Manhã Musical 06h00 Notícias Acadêmicas 10h50 Vida no Trânsito 10h00 A tarde é Nossa 12h00 Espaço Ambiental (reprise) 16h00 Agenda Cultural 16h50 Forró da Parahyba 17h00 A Hora da Ave Maria 18h00 Agenda Cultural 18h05 Happy-hour 18h10 Agenda Cultural 18h50 É da Parahyba 19h00 Sexta Romântica 20h00 Choro na Gafieira 21h00 Músicas Diversas 22h00 Nas Madrugadas 23h59		SÁBADO Manhã Musical 05h00 Criança Feliz 09h00 Agenda Cultural 09h50 Passando a Bola 10h00 A tarde é Nossa 12h00 Toca Cultural (reprise) 14h00 Vrãa 15h00 Porto 80 16h00 Essência de Mulher (reprise) 17h00 A Hora da Ave Maria 18h00 Agenda Cultural 18h05 Músicas Diversas 18h15 É da Parahyba 19h00 Agenda Cultural 19h50 BR Rock 20h00 Palco de Outrora 21h00 Música Diversas 22h00 Nas Madrugadas 23h59	

Fonte: www.radioportodocapim.com.br

Aproveitando o uso e a importância dessa ferramenta, caracterizada também como projeto de extensão, e, sobretudo, na realização de um estágio monitorado, onde atuei como coordenadora acadêmica, no primeiro período de 2015.1, na referida disciplina, com supervisão da professora Olga Tavares, a ideia foi lançada na sala de aula, onde um grupo de alunos teve o interesse de participar da elaboração do programa, primeiro, pela relevância do tema ambiental e, segundo, por ser uma prática educacional. Isso serviu de incentivo tanto para difundir o conhecimento do jornalismo ambiental como para a produção de um radiojornal, de caráter educativo. Daí, portanto, foi formada uma equipe pelos alunos Adilson Santana, Anderson Rodrigues, Carol Barros, Mariana Oliveira, Marqueline Miranda e Janaína Muzi.

Após essa formação, o grupo se motivou a participar das etapas de elaboração do produto, como prática extensionista, contribuindo para a formação profissional, tanto na prática como no exercício da cidadania, demonstrado pelos encontros e discussões em sala de aula, nos campos de pesquisa agregados aos saberes adquiridos em sala de aula

que iam automaticamente sendo aplicados na elaboração do programa Espaço Ambiental.

A primeira fase consistiu no levantamento de informações e dados acerca das principais consequências acarretadas pelo lixo no município de João Pessoa, obtendo, assim, uma visão panorâmica da situação. Os seguintes temas serviram de embasamento para escolha das três primeiras edições: a coleta seletiva em João Pessoa; os perigos que acarretam o lixo eletrônico, e o lixo que vira arte.

No seguinte passo foi feita a escolha do nome (Espaço Ambiental), o slogan; Radiojornalismo, Conscientização e Compromisso do Cidadão na Preservação do Meio Ambiente, e a sugestão da logomarca que foi gentilmente criada pela aluna Jamile Kilma, do 5º período do curso.



Com os assuntos já demarcados, a proposta para as pautas foi agregar os aspectos dos resíduos sólidos em João Pessoa, a relação com o meio ambiente e a prática da sustentabilidade. Ao mesmo tempo, foram elencadas várias probabilidades de alternativas para a formação de uma conscientização ambiental dos indivíduos sobre o tema proposto. Para identificar como os cidadãos encaram a questão do lixo, a sugestão foi ouvir a população na rua, através de uma enquete com pessoas em vários setores sociais.

No decorrer do semestre, as referidas pautas foram sendo cumpridas pelos componentes que se dividiram para ir a campo: Janaina Muzi e Mariana Oliveira ficaram responsáveis pelas entrevistas; Anderson Rodrigues e Marqueline Miranda se responsabilizaram pelas enquetes nas ruas com pessoas da população; Carol Barros se dedicou às pesquisas online e Adilson Santana criou os bgs para a vinheta de abertura e a pós-produção, a edição e montagem do programa ficaram sob a minha

responsabilidade como editora. Foi criado um grupo no WhatsApp para os debates, consultas e troca de opiniões e dinamização das informações .

SUGESTÃO DE PAUTAS PARA OS PROGRAMAS SOBRE O LIXO EM JOÃO PESSOA

• TEMA: A Coleta Seletiva no município de JoãoPessoa

1. **SINOPSE**-Vamos aprofundar o conceito de coleta seletiva e mostrar como ela é feita em João Pessoa, como a população se comporta e se está preparada para fazer a separação do lixo. O impacto que tem na economia e como sobrevivem os catadores e como vivem aqueles agregados às cooperativas de catadores (é um mercado que as pessoas trabalham de forma muito precária, desumana, de forma indigna). Em sua maioria, os catadores de material reciclável não têm nenhuma qualificação profissional e simplesmente cabe a eles coletar, transformar o material recolhido em matéria-prima, e a marginalização dessas pessoas pode, infelizmente, continuar a ser uma realidade. Que tipo de reconhecimento tem esses *profissionais*. Como funciona a vida de um catador associado à entidade? Como procede a separação dos materiais e de que forma são vendidos? Como fica a renda para cada um? Vamos conferir? Vamos falar também sobre políticas públicas existentes, o programa da Energiza que troca lixo por pontos na conta de luz. Importante criarmos um quadro de Você Sabia?, Para acrescentar mais informações e chamar a atenção das pessoas para as práticas conscientes em relação à coleta seletiva e a reciclagem do lixo.
2. **FONTES**-O coordenador de Coleta Seletiva da Emlur chama-se Josué Peixoto, pode ser o nosso entrevistado e dar esse panorama. Celular 9990-21075/3214-7654. Rodrigo é o coordenador/responsável pelo ponto de coleta seletiva Acordo Verde, no Jardim Universitário, e pode falar do dia a dia do catador e como sobrevive desse trabalho. Celular e Whatsapp. 98709-1942.
Vamos fazer uma enquete com pessoas da população e verificar se elas realizam coleta seletiva e porquê?

2. TEMA: Lixo que vira Arte

1. **SINOPSE**- A expressão artística é, sem dúvida, um lado importante da reciclagem. Vamos mostrar como o que é considerado lixo por muitos e que, para outros, transformam em arte e também serve de sobrevivência econômica.

2.FONTES-Vamos visitar o artista paraibano multivisual, Elioenai Gomes, idealizador do Atelier multicultural, que realiza um trabalho de pesquisa com reaproveitamento de materiais e produz belíssimas obras de arte e objetos, exposições e instalações; ele pode falar sobre o que o despertou para trabalhar com esse tipo de arte e o seu olhar sobre o consumo exacerbado pelas pessoas de produtos com embalagens de difícil decomposição. E como ele se comporta como consumidor e o que acredita que desperta nas pessoas com suas obras feitas com elementos que iriam parar no lixo. Outro trabalho importante é o trabalho realizado pela Oficina de Artes da Emlur e os grupos de cultura da Emlur compostos por agentes de limpeza e que constituem o projeto Catadores de Artes que, de forma dinâmica, lúdica e interativa, apresentam uma forma de mostrar que lixo pode virar música e pode ser arte, contribuindo para conscientização ambiental das pessoas, nas mudanças de hábitos e atitudes em relação ao descarte certo do lixo. Vamos conversar também com os participantes, onde eles passam de garis para serem artistas, para chamar atenção das pessoas para não sujar a cidade, nem jogar lixo no chão.Podemos conversar com o professor e músico percussionista, Jairo Gomes, responsável coordenador do projeto.

3. TEMA: Os Perigos do Lixo Eletrônico

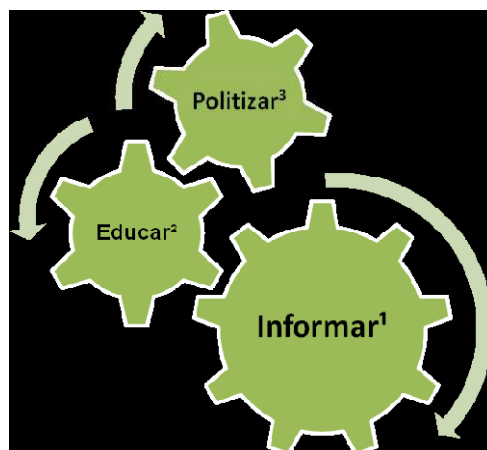
1.SINOPSE- O lixo eletrônico ou e-lixo é composto pelo descarte dos aparelhos elétricos e eletrônicos como rádios, computadores, televisores, celulares, fios, baterias, carregadores. Altamente poluente esse tipo de lixo pode conter cobre, alumínio, metais pesados como o mercúrio e o chumbo. Pesquisas apontam que com o aumento da globalização e do consumo, as pessoas tendem a trocar muito de aparelhos eletrônicos, por exemplo, celulares e computadores, o que gera 50 milhões de toneladas de lixo eletrônico produzidas por ano no mundo, sendo 10 milhões reciclados na China. Vamos tratar nesse programa sobre os problemas acarretados pelo lixo eletrônico, o uso descontrolado de equipamentos e o desconhecimento das pessoas dos perigos que trazem à saúde.

2. FONTES- Para falar disso vamos entrevistar o engenheiro Edmilson Fonseca, responsável pelo núcleo de Recolhimento da Emlur, pelo recolhimento e descarte desse tipo de lixo em João Pessoa, que poderá falar como a população poderá fazer para

descartar o lixo eletrônico e o que é feito com o lixo acumulado em João Pessoa e como funciona essa parceria com a Ecobrás. De que forma e aonde a população pode descartar seus equipamentos e objetos eletrônicos em desuso? Quais os eletrônicos são os mais nocivos em suas composições e que trazem contaminações quando armazenados ou descartados de forma inadequada? Quais são os itens que a população pode levar para os pontos de coleta? O que são feitos com as fontes portáteis de energias, ou seja, as pilhas e baterias? O que fazer para lidar com esses materiais? Como conscientizar a população para o uso dos eletrônicos e o descarte adequado dos mesmos? Para isso vamos chamar atenção de todos com informações num quadro chamado Você Sabia? Vamos fazer também uma enquete para saber o comportamento das pessoas em relação ao lixo eletrônico e como elas descartam seus equipamentos. Vamos informar aos nossos ouvintes como eles devem proceder e fazer o uso adequado desse lixo nocivo para o meio ambiente e que traz riscos à saúde da população.

Os conteúdos iam se ampliando a partir das informações adquiridas pelas fontes consultadas, dentre outras que os componentes da equipe consideravam importante para informar aos ouvintes sobre a temática. Contribuíram, em sua grande maioria, pessoas ligadas aos órgãos diretos ou indiretos da Limpeza Urbana, a exemplo do Presidente da Associação das Empresas de Limpeza Urbana Públicas (Abrelpe), Edgar Segatto Neto; da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana, o superintendente Lucius Fabianni; o diretor responsável pela Coleta Seletiva, Josué Peixoto, o coordenador do recolhimento de lixo eletrônico, Edmilson Fonseca, o coordenador da Oficina de Artes, Roberto Carvalho e o músico Jairo Gomes, que comanda o Projeto Catadores de Arte, os agentes de limpeza, Jair Moura, Chocolate de Camargo, Luciano Mendes e Rosenilda Richene, que tiveram participação especial, o agente ambiental Rodrigo Gomes, da cooperativa de catadores de materiais Acordo Verde ligada à Emlur, além dos artistas Marinho Bezerra e Elíoenai Gomes, entre outros.

Teoricamente, os roteiros para as três edições foram baseados a partir do pensamento de Bueno (2007), que defende, para a realização de uma cobertura jornalística ambiental, a compreensão de três funções básicas, sendo elas: informativa, pedagógica e política.



Fonte: Wilson Bueno

Foi seguindo esses eixos que o programa Espaço Ambiental foi constituído de três blocos. 1- Buscando informar ao público/ouvinte dados técnicos e científicos sobre o lixo através das pesquisas e contribuições dos especialistas por meio das entrevistas. 2- Educando, por meio de instrumentos pedagógicos, como músicas temáticas e spots educativos, no sentido de conscientizar para as mudanças de hábitos e costumes em relação ao lixo. 3- Difundindo e fomentando o debate político com o olhar crítico dos ouvintes, incentivando-os para as cobranças no cumprimento das políticas públicas e cuidados ambientais pelos governos e demais setores públicos.

A linha editorial seguiu o mesmo modelo da webrádio Porto do Capim: educativo-cultural-comunitário e com a popularidade das informações, a que veio se somar a outros programas de conscientização e discussões socioculturais, como divulgação ambiental. Ou seja, agregar mais um serviço à comunidade, chamando a responsabilidade de cada cidadão com o planeta e atenção a seus direitos e deveres na comunidade (BEZERRA, 2014), desenvolver uma consciência coletiva e ambiental, a exemplo de não jogar lixo na natureza, no rio, nas ruas e cuidar do lugar onde está no mundo, não importa onde quer que esteja sexo, raça e cor e condição social.

A duração das três edições ficou com tempos diversificados entre 23, 27 e 30 minutos, estruturadas em três blocos. Os programas sobre Coleta Seletiva em João Pessoa e Os Perigos do Lixo Eletrônico seguiram os mesmos modelos. Ambos têm no primeiro bloco uma reflexão sobre os temas e conceitos de fácil assimilação, para situar os ouvintes sobre o que seria abordado durante os programas. Foram feitas sonoras com profissionais da área, trazendo um panorama dos referidos assuntos e esclarecimentos necessários à população.

Foi destaque no primeiro programa a realidade dos catadores de materiais reciclados organizados em cooperativas que não dispõem de formação e nem melhores condições sociais de trabalho, a partir de uma entrevista com o presidente da Cooperativa ‘Acordo Verde’, Rodrigo Gomes. Outro fator importante foi em relação às formas de descarte adequado para cada tipo de resíduo, que as pessoas precisam praticar ao separar o seu lixo.

No programa sobre os perigos do lixo eletrônico, as informações divulgadas foram todas de acordo com o que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, lei que responsabiliza a sociedade pela geração desse lixo produzido. E, por fim, o terceiro bloco ficou destinado às indicações de alternativas e soluções para a prática da sustentabilidade e dicas de uso consciente para os respectivos aspectos.

Nos intervalos entre os blocos foram transmitidas mensagens (spots) de cunho educativo, preferencialmente, relacionados aos temas tratados. Na edição no primeiro programa foi feito uso da campanha do Ministério do Meio Ambiente sobre os materiais recicláveis, Acerte na lata. No segundo, foram veiculados spots sobre o destino e aproveitamento do lixo eletrônico, da empresa ambiental Olhar Digital. Em cada edição foram inseridos também quadros de Você Sabia?, Momento do Gari, Fala Povo. Destaques para músicas e trechos musicais do CD o Catador e a Rua, de Dimir Viana, do CD Bloco da Limpeza da Emlur, do músico Mano Pax, Cordel da Coleta Seletiva do parabaino Tiago Monteiro, na voz dos Catadores de Arte e do gari Luciano Mendes, com o Rap da Reciclagem. .

Os resíduos sólidos, vistos pelo âmbito positivo, foram abordados aspectos da geração de renda nos três programas, em contextos diferentes. No entanto, o programa ‘Lixo que Vira Arte’ foi produzido pelo viés social/cultural, dando a visibilidade da transformação do lixo em arte e música.

O reaproveitamento faz parte das atitudes sustentáveis, é visto como a soma de várias ações que visam aproveitar resíduos que iriam parar no lixo e que podem ser recuperados ou transformados em muitos outros produtos, inclusive, objetos de arte. Nas mãos de renomados artistas viram arte e música sustentável, a exemplo do artista multivisual Elíoenai Gomes, que se utiliza de várias possibilidades para trabalhar com o lixo, e o projeto Catadores de Arte da Emlur, formado por garis que realizam apresentações com instrumentos musicais que foram adquiridos no lixo.

O programa abordou as várias formas de transformação do lixo em arte para despertar um novo olhar dos ouvintes sobre o lixo. Tratou-se de um estímulo para a

prática da sustentabilidade e para o exercício da cidadania, uma vez que divulgou intervenções artísticas e musicais que refletem a transformação dos ambientes escolar, familiar e comunitário.

Neste contexto, quem lida com o reaproveitamento do lixo aposta especificamente na transformação interna que pode provocar no ser humano, (BEZERRA, 2016), mas que depende da consciência ecológica, e essa consciência depende da educação. Com essa conceituação, o artista de rua, Marinho Bezerra, atribuiu à arte de reciclar:

Essa arte está dentro de cada um e de que é preciso ter consciência da reciclagem interna. Essa importância tem que está na consciência de cada um. A oportunidade que a gente pode fazer com a reciclagem é expandir, fazer o novo e dar à vida aquilo que foi vida, de forma diferente. Reciclar não é uma arte antiga, mas já é uma coisa que já existe e ela tem que se expandir e invadir todas as escolas, todos os bicos dessa cidade. Nesse país tem que ter arte da inclusão, a arte de transformar. (2016) ⁴

O artista multivisual Elionenai Gomes, que há muitos anos realiza pesquisa e utiliza o lixo de várias formas em suas criações artísticas, argumentou que a verdadeira função como reciclador passa pela condição da educação e da cidadania e que a reciclagem vale a pena quando desperta nas pessoas a mudança de seus próprios conceitos em relação ao manuseio do lixo, tomando, principalmente, a consciência do que se consome: “O lixo enquanto arte tem uma potencialidade de atingir o cidadão, de despertar a consciência da responsabilidade com o planeta” (2016) ⁵.

O trabalho realizado pelo projeto Catadores de Arte, que é composto por integrantes de teatro, coral e movimento de percussão Baticumlata foi destaque no programa, conforme a locução realizada por dois componentes do teatro. O objetivo do referido projeto é chamar a atenção do público para os instrumentos musicais que são reaproveitados do lixo e que tiram os mais inusitados sons e ritmos, da mesma forma que os instrumentos convencionais.

De acordo com o músico Jairo Gomes, em entrevista concedida em julho de 2016 para o programa Lixo que vira arte, que coordena o referido projeto, essa é uma forma de mostrar que muitas coisas no lixo *pode se transformar em música através da reciclagem*.

⁴Entrevista concedida para o programa Lixo que vira Arte

⁵Entrevista concedida para o programa Lixo que vira Arte

O que a gente mostra é que a arte está em todas as coisas. O mundo nos envia lixo e nós devolvemos em música. Com reciclagem, nada se perde tudo se transforma! A gente pode estar sempre se reinventando, se requalificando, se melhorando como cidadão, como educador e como pessoa e passando para as outras pessoas.⁶

Ao encontro dessas concepções, Trigueiro (2006) afirma que a prática da sustentabilidade está, sobretudo, relacionada a uma mentalidade, atitude ou estratégia que é ecologicamente correta e viável no âmbito econômico, social e cultural. Foram mais do que argumentos para enfatizar o programa 'Espaço Ambiental- radiojornalismo, conscientização e compromisso do cidadão na preservação do meio ambiente, como instrumento educativo, disponibilizando informações relevantes que ajudam a consolidar uma nova cultura, uma nova visão de mundo, uma nova ética existencial da população.

A escolha do tema Lixo em João Pessoa

O tema se deu, a princípio, por ter o lixo como matéria-prima de trabalho, na Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana-Emlur, na Divisão de Arte e Cultura voltada para a educação ambiental. Por outro lado, por se apresentar como um dos maiores problemas de saneamento básico e de impacto ambiental, levando-me a uma reflexão sobre a produção de algo informativo que viesse contribuir para a conscientização das pessoas em relação à produção e descarte dos resíduos sólidos.

A Emlur é o agente público responsável pela prestação dos serviços de limpeza urbana da Capital e, segundo dados da própria empresa que coletou no ano de 2015, aproximadamente 200 toneladas de resíduos descartados irregularmente, em sua maioria, materiais descartáveis e eletrônicos em reservas ambientais, praças, leitos de rio, encostas, canteiros, calçadas, canais, terrenos públicos e privados. Esse montante foi calculado pelo Departamento Técnico de Planejamento (DIATEP) da Autarquia e refere-se ao que é pesado na balança do Aterro Sanitário Metropolitano, que recebe os resíduos da cidade. Em meio a essas toneladas de resíduos descartados irregularmente são comuns recolhimentos de sofás, colchões, geladeiras, guarda-roupa, móveis, TVs, impressoras, além de descartáveis, papelões, vidro, metais, pneus ou resto de material de construção, entre outros.

⁶Entrevista concedida para o programa Lixo que vira Arte

Tudo isso é proveniente do próprio município, com população estimada em aproximadamente 800.000 pessoas, e que em pleno século XXI ainda não dispõe de um sistema adequado de coleta seletiva e nem política para o recolhimento específico do lixo eletrônico. O programa de coleta seletiva na Capital recebe apenas 10% de todo lixo produzido pela população, o serviço já existe aproximadamente há quinze anos, funcionando de forma precária. A população dispõe apenas de um ponto de coleta para recebimento dos resíduos eletrônicos. Dessa forma, percebeu-se que a população não dispõe de uma educação ambiental nem de incentivos para praticar a separação do lixo e nem tampouco de informações para o destino correto dos materiais eletrônicos.

A ausência de políticas públicas, a falta de educação, foram fatores constatados na pesquisa dos dados, o que justificou o porquê da população não colaborar de forma efetiva na limpeza urbana, na separação do lixo e não ter conhecimento dos perigos que acarreta o lixo eletrônico. O atual Superintendente, Lucius Fabianni em entrevista concedida em julho de 2016, responsável pelo órgão de limpeza urbana da Capital, atribui

ao mau comportamento e a ausência de uma educação dos moradores que continuam causando prejuízos a todos, levando em conta que o lixo prejudica o meio ambiente, a saúde pública, causa também a poluição visual, além de alagamentos em vários pontos da cidade como se verifica em dias de chuva intensa. (2016)⁷

O coordenador da Coleta Seletiva da Emlur, Josué Peixoto, em entrevista em junho de 2016 para o programa a Coleta Seletiva em João Pessoa, destacou a educação como fundamental na implantação da coleta seletiva,

porque a gente faz uma divulgação, trabalha com as crianças, explica que deve separar o resíduo que é reciclável, o que é o lixo seco do lixo úmido que é aquele que pode ir pro aterro ou passar por um processo de compostagem. Mas a gente tem uma dificuldade que as pessoas vistam essa camisa. Eu creio que o poder público, sociedade civil, escola tem que participar desse processo. (2016)⁸

Com esse mesmo pensamento, o engenheiro Edmilson Fonseca, responsável pelo recolhimento de lixo eletrônico na cidade de João Pessoa, entrevistado pela equipe do Espaço Ambiental ressaltou que o desconhecimento das pessoas em relação ao descarte adequado do lixo eletrônico passa também pela educação:

⁷Entrevista concedida para o programa Coleta Seletiva em João Pessoa.

⁸Entrevista concedida para o programa Coleta Seletiva em João Pessoa.

É um problema de educação e de conscientização que começa a partir da criança. Enquanto você não conscientizar a população do que é o lixo, pra que ele serve e como ele pode ser descartado, não vai adiantar nada. Enquanto o povo não tiver totalmente conscientizado, a coisa não vai melhorar e elas vão continuar jogando lixo nas ruas e no meio ambiente. (2016)⁹

O gênero Linguagem Jornalística

O programa Espaço Ambiental utilizou-se do gênero jornalístico/informativo e também humorístico. Concebido com uma linha editorial educativa e conscientizadora, ele serve para atrair não só as pessoas já despertas e comprometidas com a temática ambiental, mas, sobretudo envolver as pessoas leigas que precisam ser alertados da gravidade dos problemas ambientais e das mais diversas consequências e também chamar atenção para as alternativas soluções.

Recorrendo a Ferrareto (2000, p.26), sabe-se que a linguagem radiofônica no jornalismo engloba o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, atuando isoladamente ou combinados entre si de diversas formas, esses elementos contribuem com características próprias, para o todo da mensagem. Para tanto, o Espaço Ambiental proporcionou aos ouvintes notícias ambientais e, ao mesmo tempo, fez sugestões de práticas educativas para a preservação do meio ambiente, de forma clara, rápida, concisa e sem formalidades.

Ferrareto (2006) diz que a retórica radiofônica deve misturar voz com sonoplastia, com a intenção de influenciar o ouvinte, mesmo que inconscientemente. Para tanto, o programa foi pensado dessa forma e para ser veiculado em Web rádio, por isso recorreu-se a outros recursos tecnológicos juntando voz a efeitos sonoros e à música, e o cuidado com a linguagem diferenciada das emissoras tradicionais.

O programa reuniu a linguagem radiofônica, do jornalismo ambiental e da Web rádio, uma vez que todas têm em comum o papel educativo, levando-se em consideração que a linguagem radiofônica preza, em primeiro lugar, pela facilidade do ouvinte em apreender a informação. Teve-se também a preocupação de não utilizar palavras de cumprimento como *bom dia*, *boa tarde* e *boa noite*, por exemplo, uma vez que os conteúdos estão disponibilizados ao acesso a qualquer hora pelos ouvintes internautas.

⁹Entrevista concedida para o programa Os Perigos do Lixo Eletrônico.

Seguindo a mesma linha dos programas, os alunos do estágio supervisionado em Radialismo os produziram, em caráter experimental, com um tom descontraído, linguagem ágil e pretensiosamente coloquial. Por isso houve uma diversificação nas apresentações das edições do programa, a partir das locuções. Na primeira edição, sobre Coleta Seletiva, a locução teve uma só voz, feminina; no do Lixo eletrônico, foi feita por duas pessoas, uma voz masculina e uma feminina para dinamizar o programa, apresentando os textos de forma intercalada. Já o do Lixo que vira arte teve uma característica diferente, usando de humor com as vozes de dois atores, que são garis da Empresa Municipal de Limpeza Urbana e fazem parte de um projeto de arte e educação ambiental, pensando-se numa forma de atrair os ouvintes com certa dose de leveza, com o propósito de passar a informação de forma simples e que qualquer pessoa pudesse entender do que se tratava.

A inserção do gênero humorístico na programação do rádio enquanto veículo de comunicação massiva, que não é costumeiramente utilizado, é considerado “um entretenimento como invocador entre emissor e receptor”. Baseamo-nos nessa fundamentação por acreditar que se trata de uma forma altamente comunicativa e de alcance popular. O humor é consagrado como uma forma altamente comunicativa e de grande alcance popular. Para Bakhtin (2002, p.57) trata-se de um gênero expressivo que pode ser utilizado como forma de extrair o riso das pessoas a partir de situações da vida cotidiana:

o riso tem um profundo valor de concepção de mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem.

Em se tratando do rádio, a linguagem do humor pode ser atingida por qualquer tipo de público, sem necessidade de exigir qualquer conhecimento. Apostando nisso que se arriscou em fazer esse modelo de programa, de forma dinâmica, e acreditando-se ser essencial para atrair os ouvintes, como percebido em exibição em sala de aula, já que envolveu assunto pouco disseminado por programas radiofônicos, embora relevante para a sociedade.

O exercício permitiu manter uma interação com os ouvintes/receptores de forma criativa por meio do humor, em que os locutores explorassem o panorama identitário do

tema, ou seja, do próprio universo em que convivem, fazendo com que os ouvintes se sentissem mais próximos e receptivos sobre a temática abordada de forma lúdica.

Esteticamente, os programas foram envolvidos por trilhas de músicas eletrônicas, que percorreram os blocos desde a abertura até a finalização, e que funcionou como fundo musical ou como vinhetas. Algumas cortinas musicais foram utilizadas com efeitos rápidos e sinalizações e escolhidas para orientar o público, a fim de identificar o início de cada seção informativa. Para isso, foi convidado o músico percussionista Jairo Gomes que, segundo ele, para contribuir com essas trilhas do Espaço Ambiental, ajudou a dar o tom certo a cada abordagem, entrando “em jogo o assunto, a estética, o ritmo da edição e, mais do que tudo, o espírito do programa ambiental”, destacou Jairo. A maioria das músicas utilizadas trata da temáticalixo, seja falando de coleta seletiva, de lixo eletrônico ou de lixo que vira arte. O programa foi totalmente editado e roteirizado, com as indicações necessárias do técnico do estúdio.

A produção do programa Espaço Ambiental na web-Rádio Porto do Capim possibilita uma opção de conteúdo e amplia o conhecimento ambiental num radiojornal, incluindo a manipulação de *softwares* de edição de áudio, além de permitir maior interação entre os alunos de radiojornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Todo o aprimoramento das práticas jornalísticas de entrevista, edição de texto e áudio, elaboração de roteiros e locução foram utilizados nesse programa. Essa experiência do trabalho coletivo foi ímpar coletivo, desde o contato com toda a produção jornalística, da entrevista, redação e edição de texto e áudio até o produto final, demonstrando o caráter diferenciado da webrádio Porto do Capim e dos alunos do estágio supervisionado.

De acordo com a aluna Janaina Muzi, que participou da equipe de elaboração e também fez a locução do programa sobre coleta seletiva, o programa Espaço Ambiental serviu de um grande de aprendizado:

Foi uma oportunidade para a reflexão a respeito da preservação do nosso planeta. Dividimos a mesma casa e cabe a todos nós cuidar que ela seja respeitada e que seus recursos naturais sejam usados com responsabilidade. O programa abre essa discussão e nos leva a pensar sobre o que estamos fazendo para colaborar, especificamente em relação à problemática do lixo. Estamos de fato separando nosso lixo? Como estamos descartando pilhas, lâmpadas e outros materiais eletrônicos que requerem um descarte especial. Essa foi uma reflexão cuja participação na elaboração do programa me proporcionou.

Anderson Rodrigues, aluno que também integrou a equipe, destacou a sua identificação com a temática do programa Espaço Ambiental e disse ter se assustado com o grau de desinformação e descompromisso de pessoas da população em relação às questões do lixo:

A cada programa pude aprender mais e entender o porque da degradação que ocorre com o nosso Planeta. Mais triste constatar como as pessoas da população não se preocupam em colaborar com a preservação do meio ambiente. Por outro lado me deixa contente de já está fazendo a minha parte, pois apresento um programa religioso noutra emissora que também tem proposta conscientizadora. Essa oportunidade de participar do Espaço Ambiental juntou a minha identificação com a vontade de colocar em prática, o que a gente aprendeu em sala de aula foi uma experiência ímpar ver o programa pronto.

O programa Espaço Ambiental está sendo veiculado em tempo real, semanalmente, nas terças-feiras, às 16 horas. Acreditamos que o espaço dedicado à divulgação ambiental na webrádio Porto do Capim é apenas uma semente. Falta ainda uma agenda ambiental, para informar aos ouvintes os principais eventos relacionados à temática. Após a apresentação, e com as considerações da banca, está prevista uma ampliação do programa, com o formato e duração adequados. Mas sabemos que estamos no caminho que é digital, rumo que somente a webrádio Porto do Capim pode apontar.

Queremos estabelecer um diálogo de saberes entre a Universidade, a gestão pública- empresa de limpeza urbana-EMLUR e a comunidade, por meio de um processo participativo e de apropriação dos recursos da comunicação digital e eletrônica. A ideia, aqui, é propor uma visão integrada e sistêmica que reúna a mídia, a universidade, o poder público, a escola formal e, principalmente, a sociedade, no esforço de todos por outro mundo possível.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Estamos vivendo um momento em que se fazem necessárias muitas reflexões e ações. O panorama político é preocupante no nosso país e a situação ambiental que passa o planeta é, sem precedentes, assustadora, na história da humanidade. A Constituição Federal, em seu artigo 225, institui ao Poder Público e à coletividade o dever de defender o meio ambiente e preservá-lo para as gerações futuras. Daí, essa responsabilidade pertence a todos os setores da sociedade e aos cidadãos em geral.

Apoiando-nos na teoria de Gaia, uma tese criada pelo cientista inglês, e ambientalista James Ephraim Lovelock, no ano de 1969, que afirmou que a terra possui a capacidade de auto-sustentação e que ela é nosso endereço e a partir dela que promovemos a educação. E que a preservação do meio ambiente depende da consciência ecológica e a formação da consciência depende da educação, isso nos fez refletir e observar o quanto a educação continua desde então um fator primordial na vida das pessoas, sem a qual não há prática da sustentabilidade e nem exercício da cidadania.

A sustentabilidade está acima de tudo, ligada ao comportamento das pessoas no dia a dia. As pequenas e rotineiras atividades cotidianas, direta e até mesmo indiretamente, afetam o meio-ambiente no qual vivemos. Cuidar e preservar os recursos da natureza deve ser com a participação de todos e servir de luta diária por meio de atitudes sustentáveis.

Com a experiência vivida na pesquisa realizada, pôde-se constatar, durante a produção dos programas sobre o lixo em João Pessoa, nas três edições sobre coleta seletiva, lixo eletrônico e a transformação dos resíduos em arte, a ausência de educação e uma consciência ambiental da população. Isso foram abordados nas falas dos especialistas e entrevistados, observado também no contato com pessoas de vários setores sociais, do quanto há ainda um descompromisso sobre o descarte adequado do lixo em suas residências, por não desenvolverem práticas de coleta seletiva e boa parte desconhecer os malefícios causados pelo lixo eletrônico e o impacto causado pelo lixo no meio ambiente onde vivem, uma vez que muitas pessoas guardam em suas casas materiais eletrônicos em desuso. Conclui-se que esses são fatores críticos do mau uso dos recursos naturais, prejudicando a preservação da natureza.

Essa realidade nos fez perceber a necessidade de programas de educação ambiental em um município no qual há pouca infraestrutura para tal, onde as políticas públicas existentes não funcionam, pois os poderes públicos e órgãos responsáveis pouco fazem para estimular as ações sustentáveis em prol do meio ambiente e uma melhor qualidade de vida.

Daí a ideia de unir o rádio (um meio de potencial democrático e amplo) à educomunicação (que busca proporcionar o bem comum e a cidadania e o jornalismo ambiental (na sua função social de informar), em prol dessa formação e conscientização ambiental, com questões relativas à responsabilidade e cidadania, levando à sociedade um tipo de conhecimento do qual pode se apoderar e empregá-lo da melhor maneira que convier aos cidadãos em seus respectivos contextos sociais.

Por isso, o presente produto proporciona um discurso amplo e direcionado utilizando uma prática educ comunicativa por meio de um rádiojornal ambiental, ao buscar resultados positivos que, a princípio, não são imediatos, mas a transformação será visível a partir do momento que os ouvintes despertarem para mudar suas atitudes e começarem a compartilhar os conteúdos divulgados.

O nosso esforço foi compreender que essa temática deveria fazer parte da programação da maioria dos veículos de comunicação de João Pessoa e também do estado, para tornar público os problemas dos impactos ambientais e medidas preventivas para proteger o meio ambiente e transformar a divulgação ambiental em algo mais acessível e com isso aumentar a difusão e a prática da sustentabilidade.

Esse tipo de jornalismo pode ser encontrado nas emissoras educativas do Ministério das Comunicações do Brasil, dentre outras que podem ser assim consideradas caso apresentem “elementos instrutivos ou enfoques educativo-culturais identificados na sua programação” (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2011). No entanto, em João Pessoa apenas foi localizada a rádio na Radio Tabajara, FM, do Governo Estadual, que possui um programa nesse viés com o nome Espaço Ecológico, veiculado na manhã do sábado, com uma programação com assuntos bem variados.

Do ponto de vista do Jornalismo Ambiental, as lacunas a serem preenchidas pelos meios de comunicação (como um todo) são ainda bastante abertas. Daí nossa intenção em registrar essa iniciativa de um programa de rádiojornalismo em uma emissora de webrádio comunitária que assume como compromisso essencial à sua atuação a causa ambiental. A webrádio Porto do Capim tem agora a divulgação

ambiental na sua grade de programação no sentido de contribuir para o amplo processo das mudanças de valores e de conduta do pessoenses. O foco é a formação e ampliação da consciência ambiental, atentando para a comunicação que tem forte poder e influência na sociedade. Essa divulgação ambiental é direcionada para a população de maneira direta, para chamar a atenção da responsabilidade individual de cada um com o meio ambiente.

A produção de conteúdos para exibição na webrádio sobre a realidade socioambiental, visando à melhoria da qualidade de vida e o processo de comunicação por ela mediado, é um dos caminhos para a construção de uma sociedade mais sustentável. Diante disso, sugere-se que a temática aqui desenvolvida precisa ser difundida onde a prática do jornalismo ambiental seja ampliada.

Mais do que fazer um radiojornal que trate do meio ambiente, como o Espaço Ambiental, nossa meta é continuar levando ao mundo em tempo real, ao maior número possível de pessoas, a fim de que uma nova cultura se manifeste na direção da sustentabilidade. Viver de forma sustentável – em equilíbrio com o meio ambiente – não é uma questão de estilo, mas de sobrevivência! Essa atitude deve ser contínua e participativa, buscando alternativas imediatas e em longo prazo. É agora! Ou agora!

Um olhar para o futuro....

Os desafios para se trabalhar a prática da sustentabilidade se dar pela consciência das pessoas. A grande maioria da população e também muitas empresas ainda não entendem a importância da sustentabilidade. Ela é muito mais que um relatório ou um cumprimento de metas e leis. A sustentabilidade é uma nova forma de pensar a vida no planeta, enquanto humanidade, de forma coletiva, nos grandes desafios para vencer: as mudanças climáticas e a preservação dos nossos ecossistemas. E elas atingem a todos, em todas as classes e lugares do mundo. O mais importante de tudo está na educação e fazer com que o cidadão comum entenda que tudo o que faz ou fará, gerará um impacto no meio ambiente que o cerca. E que só com ações que visem à sustentabilidade dessas práticas, pode se garantir uma vida melhor e mais satisfatória, para si mesmo, e para as gerações futuras.

A mudança de hábitos tem que ser rápida, e não interessa à indústria mudar, nem os governos irem contra ela. Então, além de lutar contra o sistema, a informação chega muito pouco para a população. Ainda pensamos muito em PIB e seu aumento atrelado ao consumo de bens, só que não entendemos que o planeta é que fornece a matéria-prima para esses bens, e na rapidez e percentual que queremos esse aumento de consumo, estamos tirando da natureza, hoje, o que vai nos manter vivos amanhã. E para que? Para apenas mudar os nossos equipamentos e produtos, por modelos novos, por exemplo?

Consumir com consciência nada mais é do que estar atento aos detalhes. Enxergar o que realmente é necessário e entender os impactos que cada escolha tem. Não apenas para si, mas para a comunidade, para o bairro, para a cidade, para o país, para quem está do outro lado do mundo. Para o planeta!

No entanto, a transformação do planeta vem da consciência das pessoas. São elas que causam revoluções do bem, que criam soluções para os problemas. É o indivíduo que cria a cada minuto a sociedade e a cidade onde ele vive. Só quando se compreender o poder social e ambiental que há em cada escolha feita, desde a origem, passando pela vida útil e chegando ao descarte, pode se entender seu poder como indivíduo e perceber que, apesar dele, no final das contas é a coletividade que importa.

O lixo é apenas o sintoma de uma sociedade que consome demais, sem pensar que, aquilo que faz hoje, impacta na sua vida agora mesmo, para o bem ou para o mal. É com essa consciência que me faz ser, hoje, uma pessoa muito mais feliz, e sim, sustentável. Assim, poderei ajudar, na prática a construir um meio, umacidade com menos lixo, menos poluição ambiental. E todos os ‘menos’ juntos, se somam num grande ‘mais’. E por entender que está em nossas mãos a mudança, e que ela começa nos pequenos gestos, teremos uma vida, uma cidade e um planeta com equilíbrio, respeito e amor.

E por falar de amor, o programa Espaço Ambiental foi idealizado para que as pessoas possam refletir e começarem, ou se tornarem mais sustentáveis, pois, a cada dia, é possível sermos um pouquinho melhores e mais felizes.

REFERÊNCIAS

ABNT. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS). Resíduos Sólidos. Classificação NBR 10.004, Rio de Janeiro, 1987, p 1.

AGENDA 21 BRASILEIRA: ações prioritárias. 2. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

ALBUQUERQUE, Bruno Pinto de. **As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 2007.

AMBIENTE BRASIL. Guia de Boas Práticas para o Consumo Sustentável. Disponível em <http://ambientebrasil.com.br>. Acesso em: mar. 2015.

BARBOUR, Ana Maria Alves. **Jornalismo ambiental**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP): Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) – Conselho de Ensino e Pesquisa (CEPE). 2003.

BAKHTIN, Mikail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2002.

BELMONTE, Roberto Villar. “Cidades em mutação: menos catástrofes e mais Ecojornalismo”. In: BOAS, Sergio Vilas. **Formação e informação Ambiental**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: FolcoMasucci, 1969. Coleção Mass-Media, vol.1

BEZERRA, Edileide. Web Rádio Porto do Capim: a perspectiva acadêmica em sintonia com a comunidade. João Pessoa: INTERCOM, 2014. Disponível em: <http://portalintercom.org/anaisnordeste2014/resumos>. Acesso em: 15 de junho de 2016.

BLASO, Vivian. Relações Públicas, MBA em Gestão Estratégica de Marketing e especialista em Gestão para Sustentabilidade. Disponível em: www.ecodesenvolvimento.org.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano-compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. ABNT NBR 10.004. Resíduos sólidos – Classificação.

BRASIL. Lei nº 12.305 de 2 de agosto de 2010. Política Nacional de Resíduos Sólidos. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara: 73 p. 2012;

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental**: navegando por um conceito e por uma prática. 2004. Disponível em: <http://www.jornalismoambiental.com.br>. Acesso em: março de 2015.

_____. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente**: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

CAMPOS, Pedro Celso. **Jornalismo Ambiental e Consumo sustentável**. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/campos-pedro-jornalismo-ambiental. Acesso em: 20 abril 2015.

CAPRA, Fritjof. Meio Ambiente e Educação. In: TRIGUEIRO, André. **Meio ambiente no século 21**: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2008.

_____. **A Teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

DEL BIANCO, N. Rádio a serviço da comunidade. Comunicação & Educação, Brasil, v. 6, n. 18, 2008. Disponível em: < <http://www.revistas.univerciencia.org>>. Acesso em: abril de 2015.

DIAS, Genebaldo Freire. Educação ambiental: princípios e prática. São Paulo: Gaia, 1992, Apud MIGUEL, Katarini in: <<http://www.faac.unesp.br/publicacoes/anaais-comunicacao/textos>>.

KINDLE, Eunice et AL. **Educação ambiental**: vários olhares e várias práticas. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FERRARETTO, Luiz Artur, KLOCKNER, Luciano. **E o rádio?** : novos horizontes midiáticos. Porto Alegre :Edipucrs, 2010.

_____. Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, 2007, Santos. Anais eletrônicos

_____. FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FILHO, Antonio Carlos./www.webartigos.com/artigos/sustentabilidade-contemporanea-na-educacao-superior. Acesso em julho de 2016.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Educação como prática da liberdade. 14ªed.São Paulo: Paz e Terra, 1983.

_____. Extensão ou Comunicação.13a Edição. São Paulo: Paz e Terra. 2006

FOLADORE, G. Por uma sustentabilidade alternativa. Ed Coleccion Cabichui, Uruguai. 2005.

GONÇALVES. C. W. P. O desafio ambiental. Rio de Janeiro: Record, 2004. P- 182.

HABERMAS, Jürgen. A Inclusão do Outro: estudos de teoria política. São Paulo: Loyola, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. João Pessoa. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades>. Acesso em setembro 2015.

JACOBI, Pedro, Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/ 2003

James, Lovelock, Gaia- uma teoria do conhecimento. Editora Gaia.2000 Ed. atual

JOHN, Liana. Imprensa, meio ambiente e cidadania. Ciência & Ambiente. Santa Maria. Rio Grande do Sul:UFSM, Semestral, vol.1, n.1 (jul. 1990), v.23, p.87-94, jul./dez. 2001.

KAPLÚN, Mario. Una pedagogia de lacomunicación. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998. P.54.

KUNSCH, Margarida. K. A comunicação para a sustentabilidade das organizações na sociedade global. In: KUNSCH, Margarida. K. e OLIVEIRA, Maria de Lourdes (orgs.). A Comunicação na gestão da sustentabilidade das organizações. São Caetano do Sul: Difusão, 2009.

LAGE, Nilson. Teoria e técnica do texto jornalístico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, p.61

LAGO, Claudia, BENETTI, Marcia. Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

LUFT, Schirley. Jornalismo, Meio Ambiente e Amazônia. São Paulo: AnneBlume,2005.

MEDITSCH, Eduardo. A Nova Era do Rádio. O discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico. In BOCC- Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 1997b. Disponível em <http://bocc.ubi.pt>.

_____. O Rádio na Era da Informação- teorias e técnicas do novo radiojornalismo. Florianópolis. Insular, Ed da UFSC, 2001.

MORLIN, M. T. Extensão Universitária: uma contribuição holística para a edificação dos direitos da criança e do adolescente. Balanço Social da Universidade Tiradentes 2009. Aracaju, p.26-35. 2009.

MOURA, Elisângela Santos de. Aterros sanitários: aproveitamento energético e mercado de carbonos. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 18, n. 3731, 18 set. 2013. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/25308>. Acesso em: 6 abr. 2017.

MIGUEL, Katarini A diversidade do rádio na difusão das questões ambientais. Disponível em: www.faac.unesp.br/publicacoes/anais-comunicacao/textos/06.pdf P.02 Acesso: abril de 2015.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. O Rádio na Era da Convergência das Mídias. Cruz das Almas/BA : UFRB, 2012. 164 p.

NORMAS TÉCNICAS (ABNT) NBR 10004 <http://www.abnt.org.br>

OTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. REVISTA USP, São Paulo, n.56, p. 66-85, dezembro/fevereiro 2002-2003. <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33808>

PERUZZO, Cícilia M. K. Ética, liberdade de imprensa, democracia e cidadania. In: III Encontro Nacional de Investigadores de la Comunicación. Bolivia, Santa Cruz de la Sierra, junho de 2002.

PLANO MUNICIPAL DE GESTÃO INTEGRADA DE RESÍDUOS SÓLIDOS-PMGIRS. Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana do município de João Pessoa. Semanário Oficial. 471p.

PIANCASTELLI, Rúbia Guimarães. Educomunicação: um caminho para o Jornalismo Ambiental. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação. 2011.

PINHO, J. B. Jornalismo na internet: planejamento e produção da informação on-line. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

PRATA, Nair. Web rádio : novos gêneros , novas formas de interação. Trabalho apresentado ao NP Rádio e Mídia Sonora do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2008.

PORCHAT, M. E. Manual de Rádio Jornalismo. 3.ed. São Paulo: Ática, 1993. p 35.

PROGRAMA Nacional de Educação Ambiental. 3. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seca/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea>

O Rádio na Era da Convergência das Mídias / Rachel Severo Alves
Neuberger. – Cruz das Almas/BA : UFRB, 2012.

Revista Brasileira de Geografia Física.
<http://www.revista.ufpe.br/rbgfe/index.php/revista/article/viewFile/300/262>

SANTAELLA, Lúcia. Comunicação e Pesquisa. Projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker editores, 2001.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. Disponível em: . Acesso em: 12 de setembro. 2016.

SCHUAN, Angela. Educomunicação: Reflexões e Princípios. Rio de Janeiro. Mauad. 2002

SILVA, Alaís Monteiro. O uso da rádio web na transmissão de conteúdo socioambiental. Trabalho apresentado no I Seminário Regional da ALAIC - Bacia Amazônica. 2011.

SILVA, Thamires Olimpia. "Impactos ambientais causados pelo agronegócio no Brasil"; *Brasil Escola*. Disponível em <http://brasilestola.uol.com.br/brasil/impactos-ambientais-causados-pelo-agronegocio-no-brasil.htm>. Acesso em 18 de agosto de 2015.

SOARES, Oliveira Ismar. Mas, afinal, o que é educomunicação? Ismar de Oliveira Soares <http://www.usp.br/nce/aeducunicacao>. Acesso em 12 de maio 2015.

SOUZA, Jorge Pedro. As notícias e seus efeitos. As teorias do jornalismo e dos efeitos sociais dos media. 1999. Biblioteca *On-line* de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 20 de outubro de 2014.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 10 ed. São Paulo: Cortez: 2000. P.23

_____. Metodologia participativa e extensão universitária. In: _____. et al. (Orgs.).

Extensão universitária: conceitos, métodos e práticas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 58.

_____. Metodologia da pesquisa-ação. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p.4

TEIXEIRA, Marcelo; SILVA Bento. Rádio web: Educação, Comunicação e Cibercultura no universo acadêmico Português. In: IV CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TIC NA EDUCAÇÃO. Universidade do Minho, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/10020>. Acesso em: julho 2016.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo. Porque as notícias são como são. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIGUEIRO, André. Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2008.

_____. Mundo Sustentável: abrindo espaço na mídia para um Planeta em Transformação. Editora Globo, 2006

_____. Mundo Sustentável: abrindo espaço na mídia para um Planeta em Transformação. Editora Globo, 2006. Depoimento Jornalista Marcos Sá Correia.

_____. O lixo eletrônico cresce três vezes mais que lixo convencional e, segundo a ONU, a situação é mais preocupante nos países emergentes. Site Jornal da Globo, 20 jul. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2012/07/>

UNGARETTI, Wladimir Netto. Empresariado e Ambientalismo: uma análise de conteúdo da Gazeta Mercantil. São Paulo: Annablume, 1998.

VASCONCELLOS, Julia. A Inovação da Sustentabilidade Sociológica, 2013.

WELTER, Lahis Borges. Sustentabilidade: A aplicabilidade de assuntos relacionados ao meio ambiente e sua abordagem nos meios de comunicação do Rio Grande do Sul. 2012, p.15. Disponível <http://bibliodigital.unijui.edu.br>.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. 5.ed. Lisboa: Presença, 1999.

Sites Consultados

<http://institutoplanetavivo.blogspot.com.br/>

www.institutoclaro.org.br

<http://www.abrelpe.org.br/>

http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/camada_ozonio

¹[http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/as-obrigacoes-do-jornalismo-ambiental/Entrevista André Trigueiro](http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/as-obrigacoes-do-jornalismo-ambiental/Entrevista%20Andr%C3%A9%20Trigueiro)

www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/estocolmo.doc

<http://www.suapesquisa.com/ecologiasaude/sustentabilidade.htm>

<http://www.atitudessustentaveis.com.br/socioambiental/sustentabilidade-social-acoes-desociais-sustentaveis/>

<http://www.professoralucianekava.blogspot.com>. Química, Meio Ambiente e Edificações. A sustentabilidade e as fontes de energia. Abril, 2015.

<http://culturadapalavra.blogspot.com.br/2009/03/filosofia-da-sustentabilidade.html>

Disponível em: www.mma.gov.br/estruturas/agenda21. Acesso em abril 2015.

<http://www.mundosustentavel.com.br/2006/12/consumindo-a-vida/>

Revista Brasileira de Geografia Física. <http://www.revista.ufpe.br/rbgfe/index.php/revista/article/viewFile/300/262>

¹<http://www.brasilsustentavel.org.br/sustentabilidade>

http://www.conscientia-nimad.ufpr.br/2006/pontodevista/tereza_urban_um_novo_olhar.

¹Idem, p,01

Artigo disponível no site <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/jornalismo-ambiental-no-radioeducativo-de-reges-toni-schwaab>, 2011

Artigo: Educação Ambiental. <https://educambiental.wordpress.com>

<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/10425-as-mudancas-do-jornalismo-ambiental-entrevista-especial-com-wilson-da-costa-bueno>